

YASMIN COBAIACHI UTIDA

**Compreender para recriar: O processo criativo de
tradução em um relato pessoal**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SÃO PAULO – MARÇO/2011

YASMIN COBAIACHI UTIDA – 5672994

**Compreender para recriar: O processo criativo de
tradução em um relato pessoal**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SÃO PAULO – MARÇO/2011

Resumo

A presente pesquisa visa estudar o fenômeno da criatividade no processo tradutório. Parte-se do conceito de criatividade “consciente” que pode ser descrita, aprendida e aplicada na tradução. Busca-se verificar como o processo cognitivo de compreensão e o processo criativo de tradução se relacionam no exemplo concreto de tradução do relato pessoal de Robert Mohr – contido no livro *A Rosa Branca*, de Inge Scholl. Para tanto, considera-se a hipótese que, à medida que o tradutor desenvolve meios de interpretar criteriosamente o texto original – inclusive suas marcas culturais – as possibilidades de tradução na língua de chegada podem ser ampliadas.

Palavras-chave: *processo criativo, tradutologia, compreensão textual, cultura, A Rosa Branca*

Sumário

1	Introdução	5
2	Justificativa	8
3	Objetivos	9
4	Pressupostos teóricos.....	10
4.1	Criatividade e tradução.....	10
4.2	Tipos de tradução criativa	13
4.3	Tradução como desafio de comunicação intercultural	14
4.4	O desenvolvimento do processo criativo de tradução e o modelo de quatro fases	16
4.5	Escolha lexical e redes semânticas associativas.....	19
5	Materiais e métodos	22
6	Análise.....	23
6.1	A fase de preparação	23
6.2	A compreensão textual e os aspectos culturais.....	26
6.3	Identificação de problemas.....	33
6.4	Compreensão criativa.....	39
6.5	Incubação e iluminação.....	43
6.6	Escolhas lexicais e redes associativas	47
6.7	Avaliação.....	50
7	Conclusão	54
8	Referências bibliográficas	57
9	Anexos.....	58

1 Introdução

A criatividade como um recurso tradutório é um tema ainda pouco estudado, sobretudo no Brasil. No entanto, é uma palavra usual no cotidiano, cujas acepções geralmente estão relacionadas à solução de problemas, ao novo, à arte e à genialidade. Assim, observa-se que, no emprego corrente, “criatividade” apresenta variadas e por vezes difusas definições. Muitas destas significações a associam a um dom que contempla somente algumas poucas e naturalmente talentosas pessoas. Porém, o conceito de criatividade a ser estudado no presente trabalho a concebe como uma habilidade que pode ser desenvolvida por qualquer indivíduo, de maneira consciente e aplicável às mais diversas ocupações.

Em sua aplicação nas atividades de tradução, a criatividade ainda é tida por muitos como uma aptidão inata e intuitiva, que ocasionalmente enriquece o trabalho de alguns profissionais. Isto é talvez uma das justificativas para o número pequeno de estudos que considerem a criatividade como um dos mecanismos integrantes do processo de tradução. Outro desafio é o fato do tema criatividade na tradução demandar a integração de conhecimentos de diferentes disciplinas para seu estudo pleno, o que não foi completamente alcançado até o presente momento, conforme destaca Forstner (Forstner 98: 2005). Para compreender, desenvolver e descrever o processo criativo na tradução são necessárias investigações nas áreas de psicologia, lingüística cognitiva, neurologia, tradutologia e semântica. No desenvolvimento do processo criativo de tradução, os saberes envolvidos são ainda mais diversos, de acordo com a especificidade do gênero e do tema do texto original. Com isso, ativa-se e se exige a ampliação do conhecimento lingüístico e de mundo do tradutor.

Estes conceitos encontram-se na obra de Paul Kußmaul, um pesquisador alemão, cujo trabalho sobre a tradução como processo criativo é uma das principais referências para a presente pesquisa. A criatividade pode figurar o processo de tradução de qualquer gênero textual, assim não se restringe à tradução literária ou à poesia.

A pesquisa em questão buscará destacar como no processo criativo pode ser desenvolvido na tradução de um relato pessoal, selecionado entre os textos que compõem a obra *Die Weiße Rose*, de Inge Scholl.

A Rosa Branca (*Die Weiße Rose*) foi um grupo de resistência ao nacional-socialismo que surgiu em Munique, na Alemanha, entre 1942 e 1943. Seus integrantes

eram um professor de filosofia e cinco estudantes universitários. O caráter estudantil e pacífico de A Rosa Branca se expressava em suas ações: a produção e distribuição de panfletos que criticavam de modo implícito o sistema vigente, por meio de textos permeados por citações de filósofos, pensadores e escritores diversos. Entre os citados, encontram-se, por exemplo, Aristóteles, Lao Tse, Goethe, Schiller e Novalis. A concepção política contrária às arbitrariedades do Nazismo, a filosofia e a teologia norteavam os valores e as discussões do círculo. No total, foram produzidos seis panfletos, sendo os dois últimos mais diretos e abertos quanto às críticas apresentadas e às expectativas para um futuro pacífico e livre para a Alemanha. O material de resistência era redigido e reproduzido pelos próprios jovens. A distribuição dava-se anonimamente na universidade ou com o envio por correio, o que permitia difundir os panfletos até em outras cidades, como Hamburgo. Isso, certamente despertou a atenção da Gestapo – acrônimo de *Geheime Staatspolizei* – a polícia secreta de Hitler. Sophie e Hans Scholl eram irmãos e integrantes do grupo, mas foram descobertos por um inspetor ao distribuírem os impressos nas dependências da universidade. Como consequência, os principais integrantes do grupo foram sentenciados à morte em fevereiro de 1943. Na Alemanha, os irmãos Scholl são símbolo de consciência política e sua história foi preservada em 1955 por sua irmã mais velha, Inge Scholl, autora do livro *Die Weiße Rose*. A obra se caracteriza por reunir diferentes gêneros textuais: ensaio, publicações em jornais, sentenças judiciais, relatos pessoais e panfletos. O relato escolhido para compor o *corpus* da presente pesquisa foi redigido por Robert Mohr, um oficial nacional-socialista responsável pelo interrogatório de Sophie Scholl que se afeiçoou à jovem, perspicaz e segura em sua argumentação.

No Brasil, pouco se conhece a respeito dos movimentos de resistência ao regime nacional-socialista na Alemanha. Assim, é relativamente comum a preconceituosa generalização de que todos os alemães eram coniventes ao governo hitlerista. No texto, é interessante observar a trajetória final da ação dos irmãos Scholl (apreensão, julgamento e condenação) pela ótica de um integrante do regime nazista. Interesse que se intensifica ao ser possível identificar, nas entrelinhas de seu relato, o transparecer de simpatia e respeito pelos integrantes do grupo Rosa Branca. Certamente, o conhecimento do contexto histórico, político e social da Alemanha no período nacional-socialista, da história e da biografia de Sophie Scholl e da Rosa Branca são requisitados para o processo de tradução.

Muitos referentes históricos e culturais relacionados ao III Reich, ao papel social do autor, ao valor dos irmãos Scholl para os alemães, além da contradição de um nazista mostrar simpatia por alguém que desafia o regime, geram associações significativas imediatas para um alemão, mas – talvez – não para o leitor brasileiro. Por meio da análise, contextualização e tradução do relato pessoal, visa-se estudar o conceito de criatividade “consciente” no processo tradutório. Busca-se verificar no exemplo concreto, como o processo cognitivo de compreensão e o processo criativo de tradução se relacionam, a partir da hipótese que, à medida que o tradutor desenvolve meios de interpretar suas especificidades e marcas culturais – as possibilidades de tradução na língua de chegada podem ser ampliadas.

Assim, a tradução do trecho a ser realizada cuidará por destacar este “estranhamento cultural”, produto do processo cognitivo de compreensão textual. Porém, procurar-se-á manter sutilezas do estilo e das escolhas lexicais do autor, transparência de opinião e subjetividade características do relato pessoal, além do significado e do contexto de produção da obra. Para atender a essas necessidades, impostas pela natureza do trabalho do tradutor, a criatividade é um elemento indispensável na elaboração de um produto final satisfatório, que ofereça condições ao leitor da cultura de chegada de percepção das nuances e riquezas semânticas do original. Nem sempre essas escolhas atendem às expectativas e às normas, revelando o trabalho criativo.

A pergunta que norteará toda a pesquisa é: como o processo cognitivo de compreensão textual e o processo criativo de tradução se relacionam? Para tanto, parte-se da hipótese que, à medida que o tradutor desenvolve a interpretação meticulosa do texto original – inclusive suas marcas culturais – as alternativas de tradução na língua de chegada podem ser maiores. O trabalho também abordará as questões complementares, como a investigação sobre a concepção da tradução como trabalho de recriação e o desafio da intermediação entre cultura e língua de partida e de chegada. Além disso, verificar-se-á como as quatro fases do processo criativo se apresentam num exemplo concreto e como e quando é aconselhável fazer inserções além do original para a contextualização do leitor brasileiro – sempre se concentrando no exemplo do relato de Robert Mohr. A criatividade será abordada em dois planos de seu desenvolvimento. No todo do texto, para a composição da unidade do texto, idiomática e fluidez de leitura na língua de chegada. Também será analisada sua manifestação no plano da escolha de cada palavra. Essa análise será concentrada nas redes associativas tecidas

pelo tradutor e sua ponderação sobre a opção por um termo entre uma gama de possibilidades de palavras com significados semelhantes.

2 Justificativa

A pesquisa de tema processo criativo de tradução de um relato pessoal justifica-se, por compor uma área recente e pouco desenvolvida, principalmente no Brasil. A bibliografia sobre o tema é basicamente alemã, destacando-se a obra de Kußmaul. Além disso, não se tem, até o momento, o conhecimento da aplicação do processo criativo no gênero textual relato pessoal. Assim, procura-se destacar a importância de um estudo atento da criatividade e de seu desenvolvimento, o que poderá enriquecer e se aplicar a futuros e contínuos trabalhos de tradução, independente do gênero textual em questão (com atenção para suas particularidades).

O trabalho busca estabelecer também a relação entre compreensão textual e desenvolvimento do processo criativo. Assim, pode ajudar a visualização do trabalho criativo do tradutor como uma habilidade essencial e passível de desenvolvimento, contrapondo-se ao mito da criatividade concebida como “dom”. A compreensão textual, a intermediação cultural e a criatividade concebidas como fases intrínsecas e conscientes da tradução contribuirão para tornar o horizonte de escolhas do profissional mais amplo e permitirão que suas decisões sejam bem fundamentadas, beneficiando o leitor. No caso da tradução da obra *Die Weiße Rose*, o processo de compreensão ajudará a identificar as peculiaridades culturais da Alemanha nacional-socialista implícitas no léxico, nas estruturas e nas informações dos autores dos textos. O processo criativo permitirá transpor este universo para o leitor brasileiro, cuidando para que não se percam traços estilísticos e nuances significativas.

3 Objetivos

A pesquisa *Compreender para recriar: O processo de tradução criativo em um relato pessoal* tem como um de seus principais objetivos verificar como e se o processo cognitivo de compreensão e o processo criativo de tradução relacionam-se proporcionalmente no exemplo concreto do relato de Robert Mohr. Para tanto, parte-se da hipótese de que, à medida que o tradutor desenvolve meios de interpretar criteriosamente o texto original, as possibilidades de tradução na língua de chegada podem também ser ampliadas. Outro ponto a ser analisado será como o “estranhamento cultural” (*kulturelle Verfremdung*) é um elemento a ser considerado pelo tradutor. Buscar-se-á descrever o trabalho de análise elaborado no decorrer da atividade de tradução para transpor as especificidades da cultura de partida para a de chegada, sem que se descaracterize o texto original quanto ao estilo do autor e as nuances significativas empregadas. Logo, a compreensão da gramática e da sintaxe alemã se faz necessária, bem como a do contexto histórico da cultura de partida e da cultura e perfil do público a que se dirige a tradução. A criticidade é um recurso necessário para a avaliação das possibilidades levantadas no desenvolvimento do processo criativo. Assim, pode-se selecionar a opção mais adequada que possibilite guiar o leitor na cultura de partida sem tornar o texto enfadonho ou empobrecido, devido a explicações exageradas – subestimando o leitor – ou deturpando um trecho naturalmente ambíguo ou sutil por escolha do autor.

Uma das metas visadas é examinar a criatividade como parte integrante do processo tradutório, tomado como recriação, mostrando o processo de trabalho que envolve seu desenvolvimento consciente e disciplinado. Logo, procurar-se-á testar a concepção do senso comum de criatividade como “dom” e evidenciar o trabalho cognitivo e intuitivo necessário para sua concretização. Também serão investigados os procedimentos para o exercício consciente da criatividade na tradução e analisar-se-á se a criatividade é um recurso necessário também na tradução do gênero relato pessoal. Verificar-se-á o processo de criatividade “consciente” como o resultado da interpretação aprofundada do texto de partida, da criação de uma gama de opções de tradução (mesmo aquelas que infringem expectativas ou normas) e a ponderação e decisão entre as diferentes opções.

Outro objetivo a ser contemplado é analisar o processo e o produto criativo manifestando-se na macroestrutura do texto, ou seja, o trabalho do tradutor para manter a essência do original e uma tradução fluida. Porém, com adaptações que a tornem coesa e coerente, além de palatável e adequada à língua e ao público de chegada. Também, será verificado como a criatividade se manifesta no microcosmo do trabalho de tradução, ou seja, na escolha entre nuances de significado para um determinado termo do texto original, investigando a formação de redes associativas com base em estudos da semântica lexical de Ulrich.

O produto da pesquisa, além do resultado obtido na investigação sobre as questões mencionadas, será a tradução do relato pessoal de Robert Mohr, parte do livro *A Rosa Branca*. Objetiva-se descrever como o processo criativo se desenvolve em um relato pessoal, no qual deve transparecer os elementos da parcialidade e subjetividade do autor. No caso da obra em estudo, será pesquisada a compreensão do contexto cultural e histórico do nacional-socialismo e seu reflexo no processo e produto da tradução. Além de reservar especial atenção ao papel social do autor, a contribuição do depoimento de um oficial nazista ao livro sobre um movimento estudantil contrário ao sistema e o fato de demonstrar certa admiração pela jovem Sophie – que chegou a convencê-lo de sua inocência sobre a distribuição de panfletos na universidade. A tensão e impacto existentes pela posição social, política e hierárquica de Mohr, pelo momento histórico e pelo objetivo do relato são itens a serem contemplados e relatados ao longo do trabalho de tradução com a descrição da transposição das especificidades culturais.

4 Pressupostos teóricos

4.1 Criatividade e tradução

A criatividade é um atributo valorizado e desejável nas mais diversas atividades. No entanto, seu conceito ainda é vago e sua manifestação geralmente é associada a um dom reservado a poucos. Paul Kußmaul, em sua obra *Kreatives Übersetzen*, 2007 aborda este problema nos capítulos iniciais e analisa a criatividade como um recurso

tradutório passível de aprendizagem e desenvolvimento, apresentando maneiras de aplicá-la conscientemente ao longo de todo o processo de tradução. Portanto, segundo o teórico, a intuição não é considerada como fator responsável pela tradução criativa, que se caracteriza por ser um processo predominantemente consciente. No entanto, o pensamento intuitivo pode potencializar o desenvolvimento de uma tradução criativa na forma de sensibilidade lingüística. Essa sensibilidade está presente na escolha de um termo ou estrutura mais adequado em relação a outras opções possíveis.

Parte-se do princípio de que a criatividade não surge do nada, mas sim da insatisfação e da identificação de problemas a serem superados. Kußmaul concebe o trabalho de tradução como resolução de problemas e como um exercício de recriação e não simplesmente verter palavras de um idioma para seu correspondente direto em uma outra língua (Kußmaul 2005:178). Koller complementa esta concepção ao destacar que toda tradução pode ser criativa, não se limitando somente ao texto literário ou de ficção (Koller 1992:196).

Kußmaul considera o produto criativo como resultado do processo criativo desenvolvido e investigado pela psicologia. Dessa forma, a criatividade na tradutologia necessita de pesquisas interdisciplinares para maiores progressos em seu estudo. Forstner, em *Bemerkungen zu Kreativität und Expertise*, 2005 enfatiza essa necessidade e discute o problema da falta de estudos realmente interdisciplinares na área de criatividade e tradução. Para tanto, o autor cita Lenk: “cada disciplina tem seu próprio princípio de perspectiva e interpretação, assim como o modo de integração, que deve ser superado para ser válido” (Lenk 2004:432 tradução por Yasmin C. Utida). Com isso, há a necessidade de inter e intradisciplinaridade para investigar o fenômeno da criatividade na tradutologia. Diferentes áreas do conhecimento poderiam ser coordenadas com suas hipóteses, teorias e conceitos para auxiliar nos estudos e no próprio trabalho do tradutor, desde sua formação teórica, até a busca por informações e conhecimentos específicos para a tradução de um determinado texto.

Kußmaul afirma que o produto criativo se caracteriza pela necessidade não só de originalidade, mas também da adequação das opções de tradução à essência do original, às normas e à idiomaticidade da língua de chegada e ao público a que se destina. Desta forma, o produto gerado pelo processo criativo idealmente seria novo e significativo, verossímil e necessário. Alguns fatores como convenções textuais, métrica, rima, normas gramaticais e lingüísticas podem atuar controlando a criatividade na tradução de um texto. Por um lado, pode-se optar pela tentativa de adaptação cultural e lingüística e,

por outro, há casos de Realia (marcadores culturais) e especificidades culturais que geralmente são preservadas.

Constata-se que a tradução também é uma atividade de transformação. Estas mudanças são válidas para a resolução de problemas, sendo que há alterações obrigatórias e facultativas. Com isso, alterações desnecessárias que somente ornamentem o texto na língua de chegada não são classificadas como criativas. O novo é aceito quando as transformações no texto traduzido o tornam adequado e mais compreensível para o leitor, inclusive com transformações gramaticais e sintáticas. No entanto, os autores consultados destacam ser recomendável preservar as ambigüidades próprias do texto original, já que constituem uma característica intrínseca da sua estrutura textual.

Esta tensão entre originalidade e adequação se reflete na aceitabilidade do trabalho do tradutor. Há episódios de traduções criativas que foram rejeitadas, devido à cultura / subcultura ou à época em que foram produzidas, pois toda obra sofre este procedimento de avaliação social. Forstner, ao citar Kußmaul, sintetiza a tarefa do tradutor criativo que, além de lidar com as expectativas do público, depara-se com o “problema do conhecimento e apresenta algo novo, que deve ser reconhecido por especialistas em um determinado tempo e cultura.” (Forstner 2005:100 v. Kußmaul 2000:20). Em *Bemerkungen zu Kreativität und Expertise*, 2005 um especialista é descrito como detentor dos atributos: eficiência, conhecimentos profundos em uma área específica, experiência e capacidade de solucionar problemas de adaptação.

Observados estes fatores, o processo de desenvolvimento do produto criativo torna-se graduável, de acordo com o chamado “princípio aproximativo”. Kußmaul concentra o problema entre inovação e adequação neste princípio. Uma tradução pode ter diferentes níveis de soluções criativas, no entanto quanto mais inovador for o trabalho tradutório, maiores os riscos de sofrer rejeição por parte do público e da crítica. Em contrapartida, uma tradução pode ser perfeitamente adequada para as normas lingüísticas e culturais, mas ser menos inovadora com transformações previsíveis. Desta forma, o processo criativo de tradução busca o equilíbrio entre estes dois valores: inovação e adequação.

Para desenvolver o produto criativo, é necessário refletir inicialmente sobre as características que possibilitam sua criação. Para tanto, Kußmaul se vale do modelo heurístico e cita Edward de Bono e sua tese sobre o pensamento lateral (*lateral thinking*), propondo uma investigação interdisciplinar sobre o tema. O pensamento

lateral é antagônico ao pensamento vertical – aplicado na lógica matemática, que considera apenas uma solução como correta. Já o pensamento lateral admite diversas possibilidades de solução e pode levar ao desenvolvimento da criatividade. O pensamento criativo pode se originar por meio da mudança de duas noções base: de foco ou de perspectiva do objeto ou problema analisado. Essas transformações possibilitam novos pontos de vista, novas visões e, por consequência, novas idéias. Com isso, novos detalhes podem ser percebidos. Na semântica lexical, esse mecanismo se dá pela associação entre figura e plano de fundo, ou seja, uma focalização entre o lexema e seu contexto de uso.

Para o desenvolvimento da criatividade, as mudanças de foco e perspectiva são aplicadas a partir de uma representação mental já estabelecida como convencional sobre algo, relacionada ao conhecimento de mundo, assunto e experiência do indivíduo – para a qual a lingüística cognitiva atribui o nome de cena. Por fim, os frames são a expressão lingüística para a referência ao conceito mental representado pela cena.

4.2 Tipos de tradução criativa

Com base nas mudanças de perspectiva e de focalização e no mecanismo de visualização cênica, Kußmaul em “Types of Creative Translating”, 1988 afirma ser possível obter diferentes tipos de soluções criativas em tradução, cujos exemplos serão apresentados na análise do exemplo concreto do relato pessoal traduzido.

O encadeamento de categorias (*chaining of categories*) caracteriza-se por relacionar diferentes perspectivas ligadas por um cenário geral comum ou por focalizar uma característica em relação ao restante do cenário. Assim, as possibilidades de categorias surgem como parte de cenários maiores e são apreensíveis, por meio da compreensão textual e das experiências do tradutor.

A seleção de elementos da cena ocorre quando há a focalização de determinado elemento de uma cena. Desta forma, as traduções podem oferecer uma expressão mais concreta e pormenorizada para um conceito relativamente abstrato.

Já a ampliação da cena é obtida com a adição de elementos que sejam centrais para o estabelecimento de relações entre as partes do texto e entre o texto e o leitor. Assim, a cena-alvo é intensificada e ganha um novo aspecto.

O enquadramento de cena funciona como o recurso de *zoom* em uma imagem. Em uma cena com elementos diversos, opta-se por um determinado quadro. O uso deste tipo de solução em tradução deve cuidar da correspondência entre o frame e a cena em questão.

Por fim, imaginar um novo frame é o recurso empregado para manter referentes da cultura de partida, o que se expressa – por exemplo – com neologismos.

4.3 Tradução como desafio de comunicação intercultural

Koller complementa a concepção de tradução como trabalho de recriação apresentada por Kußmaul, ao abordar a tradução como desafio comunicativo. A atividade é desafiadora, pois exige dois tipos de contato: o lingüístico e o cultural – tanto em relação ao país de partida como ao de chegada. O fator cultural é enfatizado, pois o autor afirma que cada texto surge em um determinado contexto comunicativo, cujo contato e compreensão adequados são fundamentais para a recepção do texto objeto da tradução. Assim, a função do tradutor seria intermediar essas diferenças comunicativas. A estratégia para a realização desta intermediação pode gerar dois tipos de tradução. A tradução adaptação (*adaptierende Übersetzung*) caracteriza-se pela substituição dos elementos textuais do original fixados na cultura de partida por elementos da cultura de chegada. Já a tradução por transferência (*transferierende Übersetzung*) diferencia-se por manter as especificidades da cultura de partida no texto da cultura de chegada, mesmo que para esta mediação devam ser modificadas ou renovadas algumas formas lingüísticas ou estilísticas de expressão na língua de chegada.

Já o aspecto do contato lingüístico resulta da transferência e divergência dos meios de expressão lingüísticos e estilísticos específicos da língua de partida para a de chegada. Com isso, notam-se duas possibilidades de processos tradutórios. A *sich einpassende Übersetzung* ou *verdeutschende Übersetzung* baseia-se nas normas lingüístico-estilísticas válidas na língua de chegada, transformando as estruturas do texto original. Por outro lado, a *vefremdende Übersetzung* caracteriza-se pela tentativa de manter – tanto quanto possível – as estruturas estilístico-lingüísticas do texto da

língua de partida no texto da língua de chegada, assim pode modificar estruturas da língua de partida no texto da língua de chegada ou, em casos extremos, criar uma língua de tradução – originada a partir da língua do texto original.

A relação entre compreensão e cultura é conciliável com e enriquece a idéia de Kußmaul a respeito da criatividade na tradução. Segundo o teórico, a criatividade na tradutologia seria a combinação de originalidade e adequação de sentido e aplicabilidade com relação ao texto original. Logo, depreende-se que as diferenças culturais entre a língua de partida (CP) e chegada (CC) configuram-se como desafios para o tradutor, que deve compreender bem o original e conhecer as particularidades entre a CP e a CC. Portanto, a compreensão e a necessidade de transpor as diferenças culturais são elementos que exigem o desenvolvimento criativo do profissional.

Os estudos de Snell-Hornby a respeito da comunicação intercultural evidenciam como elemento cultural também os fatores: papel social, idade, grau de formalidade no contato, religião, hierarquia e família. Desta forma, há diferença cultural mesmo dentre um mesmo povo – fato que deve ser observado com cuidado pelo tradutor, já que muitas vezes deve trabalhar com obras, nas quais diferentes grupos se relacionam. A abordagem adequada da particularidade cultural de cada grupo pode evidenciar, por marcas lingüísticas sutis, tensão, coexistência pacífica etc.

Por fim, Schreiber discute mais a respeito da comunicação intercultural promovida pela tradução. Em seu artigo “Interkulturelle Kommunikation”, 2005, determina a importância de definir a função do objeto a ser traduzido, para que se possa escolher o método e o procedimento mais adequado às particularidades do texto. Interessante notar a menção ao estranhamento cultural (*kulturelle Verfremdung*), que determina qual será o trabalho do tradutor com relação ao léxico, à gramática, à semântica e aos procedimentos de auxílio, como explicar algo que inexiste na cultura de chegada.

Schreiber expande o conceito usual de diferença cultural referente às particularidades notadas no contraste entre diferentes povos. Assim, o contraste entre atualidade e épocas passadas da própria cultura e de outras também se reflete no texto como marcas culturais. Ao citar Goodenough, o autor também destaca as diferenças culturais observáveis entre indivíduos de um mesmo povo. Com isso, ressalta a importância da observação das expectativas da sociedade em relação aos diferentes

papéis sociais a serem desempenhados por uma pessoa e das conseqüências geradas pelas escolhas destes papéis. (Goodenough 1964:36 v. Koller 2005: 113)

A comunicação intercultural é um processo consciente e inconsciente de modo simultâneo, pois a comunicação vai além da expressão oral ou escrita, realizando-se também por gestos, roupas e comportamentos, por exemplo. A partir desta constatação, a tradução envolve sempre uma interpretação da cultura de partida e também da de chegada. Por isso, no texto traduzido podem transparecer interferências da língua e cultura maternas. Isto não se dá somente em especificidades culturais evidentes, mas também em modelos de argumentação, pensamento e retórica.

4.4 O desenvolvimento do processo criativo de tradução e o modelo de quatro fases

Forstner, em *Bemerkungen zu Kreativität und Expertise*, 2005, menciona que a pesquisa sobre criatividade na atualidade possui diferentes orientações. A orientação pessoal é centrada na figura da pessoa que cria, tida em alguns casos como gênio. As outras três vertentes: produto, processo e sistema (na qual a criatividade é resultado da interação entre cultura, indivíduo e sociedade) – por sua vez – centram-se na expressão. Assim, Kußmaul aborda a desmistificação da criatividade que pode advir de uma interpretação da pesquisa centrada no indivíduo como naturalmente dotado de habilidade. Esta afirmação justifica-se, pois o autor investiga o processo necessário ao desenvolvimento consciente da criatividade com destaque para sua manifestação no plano lingüístico. Para tanto, cita o procedimento de reverbalização dos protocolos verbais (*TAPs – think-aloud protocols*). Junto à estratégia de reverbalização, o autor adota o modelo de quatro fases (*Vierphasen-Modell*), desenvolvido por (Preiser 1976:42ff) e Ullman (1968:22ff). O modelo apresentado divide-se em fases desde a leitura do texto até a avaliação do produto obtido pelo tradutor, são elas: preparação, incubação, iluminação e avaliação. É importante ressaltar que estas fases constituem constructos teóricos úteis para o estudo do processo criativo de tradução, mas sem limites fixos entre si. Desta forma, podem se repetir ou se suceder sem uma ordem rígida, de acordo com as necessidades do trabalho de tradução desenvolvido.

A fase de preparação (*Präparation*) é cognitiva e consciente. Corresponde ao contato inicial com o texto e a compreensão, que geralmente é maior após mais pesquisas sobre o tema e novas leituras. Por se relacionar à compreensão textual, será a mais enfatizada ao longo do trabalho. É importante mencionar a observação de Kußmaul, que indica a importância da identificação de problemas e da compreensão textual. Por vezes, os tradutores não identificam todos os problemas de compreensão logo no início do trabalho, pois geralmente acreditam ter entendido bem todo o texto. O problema pode estar centrado na limitação à leitura superficial e – na maioria das vezes – os problemas de compreensão textual se revelam nas próximas etapas da tradução, o que pode motivar o retorno à fase de preparação. O autor reforça o valor da compreensão no processo tradutório, já que sem ela se tem criatividade desprovida de fundamentação. O produto da criatividade sem esta fase de entendimento e identificação de problemas dificilmente será adequado e não gerará uma tradução criativa – caracterizada pela harmonia entre adequação e inovação.

Esta é a fase de reconhecer as idéias e características do texto, definir qual a função da tradução, identificar problemas, analisá-los, levantar hipóteses e propor soluções. Neste primeiro contato com o texto, executam-se dois processos para a sua compreensão. O primeiro é chamado de *top down*, um movimento descendente centrado na figura do tradutor. Na leitura inicial de um texto, ativam-se os conhecimentos lexicais e de mundo do leitor. Quando os conhecimentos do indivíduo não são suficientes para a compreensão textual, faz-se necessária a ampliação dos saberes, por meio de pesquisas. Já no processo de *botton-up*, ocorre um movimento ascendente, no qual o entendimento ocorre com a aproximação e análise do próprio texto em questão. A interação entre os dois processos ocorre plenamente quando o conhecimento semântico do tradutor é satisfatório. Para tanto, busca-se o equilíbrio entre a reflexão e o pensamento de trabalho, além da observação constante dos diferentes contextos em que uma palavra ou conceito é empregado.

A própria etapa de compreensão textual pode ser criativa, à medida que é possível ter diferentes perspectivas ou focalizações de uma mesma cena extraída do texto original. Com base nas características da cultura de chegada, são necessárias mudanças em relação às convenções textuais e o esclarecimento de fatos e conteúdos de especificidades culturais, como nomes, citações e alusões. Para concretizar quais decisões serão tomadas sobre estas problematizações e desafios é necessária a

criatividade. Nota-se que o grau de criatividade empregado é graduável, já que as transposições sintáticas exigem menor grau de criatividade que as alterações semânticas. As interpretações subjetivas, assim como as soluções criativas dependem da aceitação do público a que se dirige e de sua plausibilidade.

A segunda fase do modelo consiste na incubação (*Inkubation*), na qual o tradutor distancia-se temporariamente do texto para “espairecer” e poder desenvolver novas idéias e soluções para seu trabalho. Nessa etapa do trabalho, ocorre um processo inconsciente e associativo, no qual a criatividade é estimulada pelo relaxamento mental e pela fluência de pensamentos. Este descanso psíquico pode ser obtido por atividades que agradem ao tradutor, favorecendo a superação de possíveis bloqueios criativos. Independente da estratégia adotada neste período é importante ter consciência da possibilidade de realizar esta pausa estratégica.

Durante a incubação, ocorre a combinação e reorganização de conhecimento, além de associações com informações já adquiridas, vivências próprias e elementos do cotidiano. A transposição dessa fase culmina na de iluminação (*Illumination*), na qual ocorrem os esclarecimentos. Para tanto, citam-se as categorias de associações e encadeamentos necessários para a solução da tradução, denominadas cenários prototípicos, segundo Lakoff. A maior característica desta etapa é o *brainstorming*, quando uma gama de alternativas vem à mente do tradutor sem que se estabeleçam limites rígidos para suas associações em um processo de fluência de pensamentos, conforme menciona Guilford (Guilford 1975:40). Nesse momento, não é preciso ter uma solução já determinada, mas buscar experimentações. A combinação das fases de incubação e iluminação é fundamental para o desenvolvimento do processo criativo, pois – segundo Kußmaul – a satisfação de ter uma ideia gera uma posição positiva em relação ao objeto estudado e, por consequência, novos pensamentos são ativados.

A etapa final deste processo é denominada avaliação (*Evaluierung*), na qual o tradutor deve ser crítico para avaliar a pertinência das alternativas de tradução criadas. Nesse ponto do trabalho, volta-se à atividade consciente com uma reflexão caracterizada pelo distanciamento crítico. Para a realização desta fase, Kußmaul cita alguns critérios fundamentais: equilíbrio e ponderação entre inovação e adequação, atenção à correção gramatical e ortográfica, identificação e análise dos elementos pragmáticos, como o contexto da cultura objetivo e da função da tradução.

A avaliação é parte essencial do processo criativo de tradução para a obtenção de soluções satisfatórias e mais adequadas. Assim, pode ocorrer segundo dois métodos. A avaliação retrospectiva-contrastiva caracteriza-se pela análise meticulosa de cada termo traduzido em relação ao texto original. Já a avaliação prospectiva-funcional, como a própria denominação indica, centra-se em avaliar a tradução tendo a sua função como parâmetro central. Com isso, não se limita no contraste entre as duas línguas, mas além de abrangê-lo, preocupa-se também com a fluidez do texto e com os elementos pragmáticos presentes no original. É importante destacar que ambos os procedimentos de avaliação podem ser aplicados a um mesmo produto, possibilitando duas perspectivas de observação do objeto, de acordo com os objetivos do trabalho de tradução realizado.

Na avaliação, evidencia-se o “princípio aproximativo” (inovador e/ ou adequado em maior ou menor grau), pois não existe uma única solução ideal para uma tradução, mas possibilidades mais adequadas e aceitáveis que outras.

Por fim, o processo mental para a tradução criativa se vale de macro-estratégias de projeções e prospecções em um trabalho não-controlado pelo tradutor – compreensão geral, esquematizações – e de micro-estratégias, pelas quais o profissional monitora as associações, projeções, alternativas intuitivas, estratégias de busca, testando-as e julgando-as em um processo mais criterioso e consciente para a escolha da solução.

4.5 Escolha lexical e redes semânticas associativas

O desenvolvimento do produto criativo também envolve a escolha de uma palavra em relação a um apanhado de opções semanticamente próximas. A correspondência mais adequada entre pensamento e verbalização, assim como a correspondência entre a expressão de conceitos em duas línguas diferentes é um desafio – que dificilmente é satisfeito de maneira plena. Com isso, a consulta ao artigo de Ulrich, *Zur lexikalischen Semantik des Deutschen*, 2010 mostrou-se útil, pois ele investiga e ilustra uma proposta de como se dão as relações de significado para a escolha de um termo ou frase no léxico mental de um indivíduo.

É importante ressaltar que o termo “significado” é tomado, segundo Ulrich, como um complexo de consciência especificamente lingüístico, no qual uma forma lingüística é organizada. Partindo-se desta definição, compreende-se a necessidade da expressão lingüística para produzir sentido. Ao se concentrar na expressão e produção de significados, é preciso analisar o lexema, “a palavra como unidade abstrata” (ULRICH, 166: 2010). O lexema constitui a unidade básica do léxico, que por sua vez, representa o vocabulário geral de uma língua. Podem ser consideradas como lexema: as *einfache Wörter*, as palavras simples; as palavras compostas e também fraseologismos e expressões – quando a combinação de palavras produzida resulta em um significado diverso do que a palavra apresenta em seu uso isolado. Ulrich destaca o exemplo da expressão: *nicht alle Tassen im Schrank haben*, na qual não se tem somente o significado “não ter todas as xícaras no armário”, mas ganha a acepção de “estar louco, não regular bem”. Em português brasileiro, pode-se citar o exemplo de significado bastante semelhante “ter um parafuso a menos”. A observação de ambas as expressões denotam a diferença entre duas línguas / culturas para verbalizar um mesmo conceito.

O autor considera o “léxico mental enquanto sistema, no qual os lexemas são assimilados e armazenados” (ULRICH, 163: 2010 tradução por Yasmin C. Utida). No entanto, é muito difícil precisar todo o léxico de uma língua, já que ela é um organismo vivo e constantemente surgem arcaísmos, palavras caem em desuso e novas são incorporadas para suprir novas necessidades e tecnologias. Geralmente, um adulto lida com a recepção de 50000 a 100 000 de palavras e emprega cerca de 6000 a 10000 – outra constatação da complexidade e grande dimensão deste sistema. No léxico mental, organizam-se informações: fonéticas-fonológicas ou grafemáticas, morfossintáticas, semânticas, de codificação lexical (escolha lexical), de codificação gramatical ou, ainda, de articulação ou escrita. Pesquisadores discutem se a articulação deste processo ocorre de maneira seqüencial ou interativa. Segundo Ulrich, o léxico mental é “como uma rede multidimensional, na qual todos os elementos se relacionam entre si, sendo algo comparável às sinapses que ligam as células nervosas do nosso cérebro.” (ULRICH, 170: 2010 tradução por Yasmin C. Utida). O pesquisador menciona testes realizados com membros de uma mesma comunidade, que ao receberem uma palavra como estímulo, reagem com respostas iguais. As relações traçadas para esta concordância entre os resultados apontam indícios da forma de organização do léxico mental, no qual as palavras são associadas umas às outras. As relações de significação formadas se dão em dois planos: o sintagmático, quanto à coordenação dos lexemas e suas condições de

compatibilidade na construção de uma frase ou o paradigmático, escolha de um único lexema mais adequado para compor uma frase entre outros de acepções semelhantes por relações de equivalência ou de oposição (sinônimos, hiperonímia, metonímia etc.).

Ulrich esclarece que o armazenamento lexical não se dá de modo isolado, mas sim em grupos semelhantes com a construção de “um sistema estrutural com elementos de influência recíprocos” (ULRICH, 171: 2010 tradução por Yasmin C. Utida). A escolha entre o significado central e lexemas semelhantes está intimamente relacionada com a situação e o contexto da expressão. Um mesmo lexema pode também ter diferentes acepções (polissemia), partindo de um significado prototípico e recebendo significados potenciais, de acordo com seu contexto de uso. Esse processo é ilustrado graficamente pelo autor como uma microestrutura do processo desenvolvido no léxico mental por meio da esquematização em “estrelas de significados”. No centro da “estrela”, encontra-se o significado prototípico de um lexema e em sua periferia, desdobram-se significados secundários. Estes lexemas e seus respectivos significados são organizados por meio dos semas. Os semas são a menor unidade semântica, que na composição das “estrelas” funcionam como traços distintivos positivos ou negativos entre as acepções dos lexemas. Por meio da observação do contexto comunicativo e dos semas de cada opção da “estrela”, pode-se determinar qual o emprego mais adequado para a situação em questão.

Estas redes significativas são processos dinâmicos que podem sofrer transformações. Estas mudanças podem ser motivadas pelo uso de novas características semânticas ou por necessidade em determinado contexto de expressão. Outra possibilidade de transformação de significado é pela remoção de características significativas do lexema em primeiro ou segundo plano.

A consciência da estrutura de organização do léxico mental e do processo de significação e escolha lexical pode facilitar e trazer melhores resultados para o poder de expressão e de compreensão do usuário da língua.

5 Materiais e métodos

A participação no Projeto Ensinar com Pesquisa – *A Rosa Branca: tradução de textos selecionados* com o estudo *O processo de tradução criativo de um relato pessoal* ocorreu tendo como referência a obra *A Rosa Branca (Die Weiße Rose)*, porém o *corpus* foi delimitado com a tradução e análise do procedimento de compreensão e tradução criativa do relato pessoal de Robert Mohr – o oficial nazista responsável pelo interrogatório de Sophie Scholl. O trabalho de pesquisa concentrou-se na leitura crítica e comparativa da bibliografia selecionada, principalmente em língua alemã. Os resultados foram relacionados e aplicados em uma análise conjunta aos obtidos pela observação do processo de tradução criativo do recorte do *corpus*.

As atividades realizadas iniciaram-se com a fase de pesquisa e reflexão de contexto histórico, social e político da Alemanha nacional-socialista. Também, consultaram-se publicações na área de tradutologia com ênfase nos processos cognitivos de compreensão textual, dimensão intercultural e criatividade no trabalho do tradutor. Houve especial atenção à obra de Paul Kußmaul, autor alemão de vários artigos sobre tradução e criatividade, além de Koller, Forstner, Schreiber, Schmitt, Hönig e Ulrich. Foram consultados os livros, periódicos e revistas, considerando-se as edições mais recentes – conforme indicado no item referências bibliográficas. Em seguida, desenvolveu-se a tradução do relato de Robert Mohr.

A fase subsequente de trabalho foi destacar as observações do processo tradutório que poderiam ilustrar a análise do produto da tradução em relação à compreensão textual e à tentativa de desenvolver soluções criativas e adequadas para a tradução. Estas observações foram analisadas e organizadas, de acordo o modelo de quatro fases apresentado por Kußmaul – que foi utilizado para nortear as etapas da atividade de tradução do relato pessoal.

6 Análise

6.1 A fase de preparação

O trabalho de tradução do relato pessoal de Robert Mohr, contido na obra *A Rosa Branca*, de Inge Scholl, também exige o desenvolvimento do processo criativo para sua realização. A leitura do texto original faz despontar diversos problemas a serem considerados em sua tradução para o português brasileiro. A identificação destas questões – longe de indicar inaptidão por parte do tradutor – pode constituir estimulantes desafios de compreensão e procura por soluções. Este exercício permite a possibilidade de enriquecer o trabalho tradutório realizado e também o conhecimento lingüístico e de mundo do responsável por seu desenvolvimento.

No caso do relato pessoal de Robert Mohr, opta-se pela aplicação consciente, observação e descrição do modelo de quatro fases, de Preiser (1976:42 *ff*) e Ulmann (1968:22 *ff*). Com isso, a fase de preparação é iniciada desde a primeira leitura do original e se repete, à medida que são localizados novos problemas. Neste capítulo, serão relatados os passos dessa etapa em sua aplicação no exemplo concreto de tradução.

A preparação para a tradução abrange reconhecer as idéias centrais do texto: trata-se de um relato escrito na Alemanha de 1951, por um ex-oficial do governo nazista responsável pelo interrogatório de Sophie Scholl – uma universitária contrária ao nacional-socialismo. Porém, nas entrelinhas do relato, posterior à queda do nazismo, transparece a simpatia do autor pelos jovens que desafiaram o sistema ao qual ele servia.

Em seguida, é interessante notar como se estrutura o relato produzido por Mohr. A partir da leitura analítica, pode-se perceber que o relato se constrói de forma muito semelhante a um depoimento policial. É interessante observar como o autor inicia sempre a narração de um fato pela apresentação da data, hora, local exato e circunstâncias pormenorizadas em que ocorreu um determinado acontecimento. É possível notar esta estrutura recorrente em:

Zu der am 22.2.43 vormittags 10 Uhr angesetzten Gerichtsverhandlung des Volksgerichtshofes im Justizgebäude in München war ich mit noch einigen Kameraden, darunter Herr Mahler, als Zeuge geladen. (p. 177)

Eu e outros camaradas, entre os quais o senhor Mahler, fomos convocados a depor como testemunhas na audiência do *Volksgerichtshof*, agendada para o dia 22.2.1943 às 10 da manhã no Prédio da Justiça de Munique.

Porém, a partir do ponto em que o autor descreve seu contato com Sophie e também com Hans Scholl, é possível distinguir uma discreta mudança na narrativa. O tom de depoimento passa a ser permeado sutilmente pela subjetividade – e até emotividade – de Robert Mohr:

Ich kann nur wiederholen, daß dieses Mädels, wie auch ihr Bruder, eine Haltung bewahrt hat, die sich nur durch Charakterstärke, ausgeprägte Geschwisterliebe und eine seltene Tiefgläubigkeit erklären läßt. (p. 179)

A mim só resta repetir, que tanto esta moça quanto seu irmão mantiveram uma postura que só pode se explicar pela força de caráter, por um amor fraterno intenso e uma rara e profunda fé.

Surpreende-nos a admiração pela atitude dos irmãos Scholl frente à condenação, sobretudo em relação à Sophie Scholl. Esse envolvimento fica expresso em “a mim só resta repetir”, evidenciando que este é um gesto retomado no texto e é ainda mais claro com o emprego das expressões: “força de caráter”, “amor fraterno” e “rara e profunda fé”. Todos os atributos empregados são positivos, indicando ao tradutor a existência da contrariedade entre a atitude de Robert Mohr exigida por seu cargo e por sua aderência à ideologia nazista e a reação que manifesta no relato a respeito da condenação dos irmãos Scholl à morte por alta traição.

Estes dois aspectos da estruturação do relato pessoal indicam uma problemática a ser considerada ao longo de todo o trabalho: a tensão gerada por este posicionamento ambíguo de Robert Mohr, que se reflete no tom do texto e nas escolhas sintáticas e lexicais, mais formalizadas e próximas do discurso policial e jurídico na primeira parte e mais emotiva, com repetições e emprego de expressões menos controladas na segunda –

conforme destacado na análise dos exemplos anteriores. Para essa análise, bastou a observação e análise dos próprios elementos presentes na materialidade do relato, o que caracteriza o emprego da estratégia de compreensão de *botton-up*.

Outra observação pertinente é o predomínio de formalidade na composição do texto. Esta característica foi notada durante a consulta dos verbos empregados por Robert Mohr em dicionários monolíngues e bilíngues. Grande parte dos verbos procurados apresenta a indicação *geschr.* – relacionando seu uso à língua escrita. Como exemplo, cita-se: *vorsprechen* com a acepção de “entrar em contato”, de acordo com o observado no dicionário monolíngüe *Langenscheidt: Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*, 2008: 1197:

vi 3. (bei j-m / irgendwo) (wegen etw.) v. *geschr.*; mit e-m Anliegen *bes* zu e-r Behörde od. zu seinem Chef gehen: *Er hat beim Personalchef wegen e-r Anstellung vorgesprochen.*

O próximo procedimento realizado constitui a reflexão sobre a função da tradução e sobre o público a que se dirige. Neste caso, a tradução por si só já envolveria criatividade – no sentido de oferecer o novo – já que o grupo de resistência A Rosa Branca é pouco conhecido no Brasil. Destaca-se também, o fato de ainda ser comum associar preconceituosamente e equivocadamente o povo alemão como um todo às arbitrariedades ocorridas durante o regime nacional-socialista. Assim, pode-se apontar como função primordial do trabalho tradutório a divulgação deste episódio histórico, no intuito de permitir ao leitor brasileiro conhecer mais sobre o tema e, talvez, despertar o interesse pela história dos grupos de resistência a Hitler e seus membros. O texto original traz em si diversos marcadores culturais e outras referências culturais evidentes e familiares ao leitor alemão, mas que dizem pouco ou passam despercebidas para o leitor brasileiro. Desta forma, outra função da tradução é a tentativa de tornar estes aspectos compreensíveis também para o leitor brasileiro, buscando conservar a significação e a tensão presentes no original e – ao mesmo tempo – a fluidez de leitura esperada para um relato pessoal.

A identificação destes elementos essenciais concernentes ao contexto de produção do texto representa simultaneamente a identificação dos problemas centrais do

trabalho de tradução com ênfase nas diferenças culturais e lingüísticas entre Brasil e Alemanha. Esta constatação torna necessário ampliar os conhecimentos do tradutor, por meio de pesquisas sobre o grupo de resistência A Rosa Branca, seus membros, a Alemanha nazista, a biografia de Robert Mohr, a linguagem da época e como expressar estes conceitos lingüisticamente no idioma de chegada.

Assim, constata-se não só a necessidade de transpor diferenças entre dois idiomas em relação à língua, mas também à cultura – esta necessidade motiva a busca de conhecimentos prévios do tradutor e sua complementação por meio de pesquisas, configurando a estratégia de *top-down*. Evidencia-se, portanto, a busca pela compreensão como o objetivo maior da fase de preparação.

6.2 A compreensão textual e os aspectos culturais

A compreensão textual não se restringe a aspectos lingüísticos, mas pode ser mais completa com a compreensão cultural, principalmente no caso do relato pessoal de Robert Mohr – no qual há várias alusões ao contexto do nacional-socialismo alemão.

O original contém diversas referências, por vezes sutis, à organização do poder nazista e a expressões e palavras de emprego aparentemente usual que ganharam novas significações durante o regime de Hitler e expressavam implicitamente sua ideologia.

Ao longo do trabalho de leitura, compreensão e tradução do relato, podem-se destacar alguns trechos, nos quais estas referências estão contidas, como:

Die in dieser Richtung angestellten Ermittlungen, zur Feststellung der Urheber verliefen ergebnislos. (p. 171)

As investigações acionadas sobre os panfletos e para a identificação dos autores não conduziram a resultado nenhum.

A palavra *angestellten*, destacada no fragmento, é um particípio do verbo *anstellen*, cujas acepções podem ser “empregar”, “encostar”, “contratar”, mas também há seu significado técnico de “pôr em funcionamento” e “ligar”. Com a leitura da obra *LTI: A linguagem do Terceiro Reich*, 2009 de Victor Klemperer, tem-se o conhecimento de que verbos associados ao movimento e ao progresso industrial eram típicos no discurso nacional-socialista. O emprego e popularização dessas palavras denotam a intenção de mecanização até do comportamento do povo. Ao considerar esta hipótese, nota-se a permanência desta linguagem na expressão dos contemporâneos do nazismo mesmo após a queda do regime – principalmente em indivíduos que aderiram ativamente a sua ideologia, como é o caso de Robert Mohr. Com isso, a alternativa de tradução de *angestellten* por “acionadas” poderia constituir uma marca cultural implícita na tradução. Sua compreensão conduz o tradutor a considerar determinada tradução plausível entre os possíveis sinônimos como, por exemplo, “iniciadas”. Neste caso, o conhecimento do contexto cultural pode aumentar a compreensão do texto e orientar e fundamentar uma alternativa criativa de tradução. Assim, mantém-se o emprego figurado do verbo e o procedimento estilístico característico do autor – condizente com o papel social que desempenhava na sociedade nazista.

Outra observação interessante é o termo *Mädel*, destacado do exemplo citado no capítulo “A fase de preparação”. A palavra em questão significa “garota”, segundo a consulta à obra de Klemperer. No entanto, após a queda do nacional-socialismo o termo é pouco empregado, pois foi fortemente associado à BDM – *Bund Deutscher Mädel* [Liga das Meninas Alemãs] – a divisão feminina da Juventude Hitlerista destinada a garotas de 14 a 21 anos. Segundo Klemperer, *Mädel* é uma palavra representante da linguagem do terceiro Reich, pois faz parte da estratégia de sentimentalização do regime nacional-socialista ao se dirigir diretamente à formação das alemãs adolescentes. O termo foi escolhido em detrimento à palavra *Mädchen*, cuja tradução para o português também é “garota, menina”. *Mädel* era uma forma mais popular, portanto adequada para se dirigir às jovens nazistas. A hipótese para esta escolha é a de que o caráter popular da palavra *Mädel* pudesse causar maior impacto e aproximação junto à população, sendo a forma mais atrativa para este fim. Na tradução do relato pessoal, optou-se pela tradução por “moça”, como se pode conferir em:

A sugestão do termo “moça” justifica-se pela proximidade semântica com “menina” e “garota” e, além disso, está de acordo com outra característica analisada no texto original: o uso de algumas expressões que atualmente soam como arcaísmos, já que o texto data de 1951. Há a hipótese de que “moça” pode conter mais este traço do que a opção por “garota” ou “menina”.

Um exemplo claro de arcaísmo é a forma *Fräulein* [senhorita], empregada com frequência por Mohr ao longo do relato e que praticamente caiu em desuso após manifestações feministas a partir da década de 60. A compreensão destas palavras e do contexto a que estão ligadas fornecem parte do panorama histórico-cultural que permeia o texto e orienta a procura por alternativas mais adequadas no português, ou seja, pode-se compreender melhor o contexto comunicativo de produção da obra, conforme destaca Koller. É interessante evidenciar que a tradução procura manter a sutileza da referência, sem fazer inserções acessórias, que pudessem tornar a leitura maçante ou subestimar a capacidade de compreensão do leitor em realizar ele próprio estas associações.

Com isso, faz-se necessário destacar não somente o uso de arcaísmos, mas também o emprego de marcas da singular estrutura política, militar, policial, jurídica e social vigente no período ditatorial alemão. Estas sutilezas do original alemão podem ser preservadas com algumas adaptações e inserções na tradução para o português brasileiro – o que enriquece a significação e a compreensão do texto e do contexto para o leitor do Brasil.

As marcas culturais são parte essencial do relato pessoal e dizem respeito ao regime político e social da Alemanha do III Reich sem comparativos equivalentes em outras culturas – principalmente na brasileira. Considerando esta afirmativa, o procedimento de tradução predominante para este trabalho é a *transferierende Übersetzung*, já que o objetivo é manter ao máximo os referentes culturais que tornam o texto um documento do período nacional-socialista e da história do grupo Rosa Branca. Portanto, mantiveram-se algumas palavras do idioma alemão que não possuem um equivalente na língua e na cultura do Brasil, seguidas – por vezes – de apostos para explicá-las. Não foram adotadas notas de rodapé, pois se acredita que sua inserção

acarretaria a fragmentação do ritmo de leitura e poderia diminuir o envolvimento do leitor com o texto, que se torna mais fluido e subjetivo, à medida que se desenvolve. Este procedimento pode ser notado em:

Ich glaube mich sogar zu erinnern, daß er (Kollege) mir im Vertrauen zu mir, von einem »Volksführer« sprach, wie wir ihn vielleicht in Zukunft notwendig brauchen könnten. (p. 175 / 176)

Eu acredito até mesmo me recordar que ele (o colega) me falou confidencialmente dele como um *Volksführer*, um líder do povo, com um perfil de que talvez fôssemos necessitar no futuro.

O emprego da palavra *Volksführer* é destacado no próprio texto do relato de Robert Mohr e a alternativa de tradução apresentada acima preserva o termo tal qual no alemão. Pressupõe-se que boa parte do público leitor brasileiro possa ter tido contato com o termo *Führer* [condutor, líder] – central no vocabulário nacional-socialista – pois é uma palavra recorrente e geralmente não traduzida em livros e filmes. Ainda que o leitor não conheça a acepção exata do termo, há a hipótese de que é possível associá-lo a figuras de liderança no nazismo. Já o termo *Volk* [povo] também pode ser um termo compreensível para parte dos leitores brasileiros e também constitui um conceito central da ideologia nacional-socialista. O *Volk* durante o nazismo incluía somente arianos partidários do sistema. Desta maneira, a simples tradução de *Volk* por povo não abrange este caráter de exceção implícito no conceito durante o governo de Hitler. Esta significação contraditória para o conceito de povo atrai nossa atenção à citação de Klemperer e atua como um exemplo deste processo:

Repentinamente, o contexto literário de um texto perde importância e nossa atenção se fixa em uma palavra. Pois é na palavra isolada que se vê a forma de pensar de uma época, o pensamento geral no qual aquele indivíduo se insere, deixando-se influenciar ou mesmo guiar, mas, dependendo do contexto, a palavra e a expressão, per se, podem ter sentidos opostos. (KLEMPERER 2010:237)

Para manter a fidelidade às acepções singulares atribuídas a *Führer* e a *Volk* no III Reich, manteve-se o original. No entanto, para garantir a compreensão da expressão houve a inserção do aposto “um líder do povo”. O aposto tem por função explicar o termo para os leitores que não têm este conhecimento e para reforçar sua significação sem a necessidade da criação de uma nota de rodapé. O mesmo vale para *Volksgerichtshof*, termo que poderia ser traduzido simplesmente por “tribunal do povo”. Porém, as pesquisas realizadas durante a preparação do trabalho tradutório fizeram despontar a reflexão sobre o conceito de povo no nacional-socialismo, de forma que o termo “tribunal do povo” não ativa as mesmas referências no leitor brasileiro que provoca no leitor alemão. Talvez, um leitor do Brasil pudesse associar a expressão a uma maior participação popular ou até mesmo à democracia, o contrário da acepção corrente no contexto do III Reich. Por isso, a proposta apresentada consiste em manter o termo original junto ao aposto: “o tribunal do povo nacional-socialista” – focalizando um traço característico do original e o evidenciando no texto traduzido. Houve, então, a seleção de um elemento da cena, desta forma o conceito abstrato para o leitor brasileiro se torna mais concreto ao ser acrescentada a informação implícita: nacional-socialista.

Outro aspecto cultural importante a ser observado durante a análise e tradução do relato de Mohr são as diferenças culturais presentes entre os indivíduos pertencentes a uma mesma nacionalidade, de acordo com Schreiber. No próprio texto, há a marcação da diferença ideológica entre Robert Mohr e os irmãos Scholl, que foram condenados por se oporem ao regime – ainda que de modo pacífico. O autor também se caracteriza por ter um cargo de oficial na Gestapo, a polícia secreta nazista e por trabalhar com interrogatórios. Este dado talvez justifique o predomínio da escolha por verbos e estruturas mais comuns na língua escrita.

Porém, em relação às particularidades do indivíduo, destaca-se a simpatia de Mohr pelos jovens como o elemento mais relevante. Nota-se a ênfase neste elemento, pois há uma quebra de expectativa quanto ao papel social esperado de Robert Mohr. A compreensão desta informação contida nas entrelinhas do texto original e o conhecimento da rigidez do regime nazista em relação a seus opositores são fundamentais para a tradução. Se o tradutor possui estes dados, pode refletir sobre alternativas que ofereçam ao leitor brasileiro marcas desta contrariedade ideológica entre Sophie e o responsável pelo interrogatório e a comoção sutil, presente no texto ao se notar o respeito do criminalista para com os jovens e sua tentativa de ajudar Sophie a conseguir preservar sua vida:

Ich versuchte mit letzter Beredsamkeit Fräulein Scholl zu einer Erklärung zu veranlassen, die letzten Endes darauf hinaus hätte laufen müssen, daß sie ideologisch mit ihrem Bruder nicht konform war, sich vielmehr auf ihren Bruder verlassen habe, daß das was sie getan habe richtig sei, ohne sich selbst über die Tragweite der Handlungsweise Gedanken zu machen. (p. 176)

Tentei, com todos os argumentos possíveis, mover a senhorita Scholl a fazer uma declaração afirmando não compartilhar da ideologia de seu irmão. Muito pelo contrário: ela teria que depor que havia confiado cegamente no julgamento do seu irmão de estarem fazendo a coisa certa sem estar ciente da gravidade desta conduta.

Ich war darüber derart gerührt, daß ich kein Wort sagen konnte. (p. 178)

Este gesto me comoveu de tal maneira, que não consegui dizer uma só palavra.

Novamente com o emprego da estratégia de *botton-up*, pode-se identificar a crença convicta na inocência da jovem no início do texto e, depois, seu desejo de auxiliá-la após a comprovação do envolvimento com a elaboração e distribuição dos panfletos. A ênfase conferida pelo autor a estes sentimentos perpetua-se pelo relato com o emprego de repetições das expressões: (...) *nicht das mindeste zu tun haben* (p. 180) [não tem o mínimo que ver] e *Sophie Scholl (...) wenigstens das Leben zu retten* (p.176) [para ao menos salvar a vida de Sophie Scholl]. Com isso, nota-se como a compreensão textual e a compreensão do contexto cultural se associam de maneira complementar no trabalho de interpretação e tradução de um texto.

Outro exemplo de intermediação cultural na tradução é a sigla KZ (p. 179), que após breve pesquisa, constatou-se ser a abreviação de *Konzentrationslager* [campo de concentração]. A hipótese para o uso da abreviação é a de que esse era um termo bastante usual no cotidiano nacional-socialista. Desta forma, a abreviação poderia representar uma referência mais imediata ao local. Assim, trata-se de um referente cultural específico do contexto histórico da Alemanha nazista. Ainda que tenham existido locais semelhantes no Brasil para confinar supostos opositores à ditadura militar, não tinham as mesmas proporções nem atingiram a tantas pessoas nem tanta divulgação como os campos nazistas. Portanto, não há uma abreviação convencional e popularizada para o termo “campo de concentração” no Brasil, de maneira que a alternativa de tradução escolhida foi preservar integralmente a grafia da expressão.

No entanto, na realização do trabalho tradutório, houve casos nos quais se constatou a presença de elementos totalmente estranhos à cultura brasileira. Em muitos destes casos, optou-se por manter o termo em questão em alemão, já que não foi encontrado também um referente lingüístico para o elemento em questão. A escolha justifica-se pela intenção de preservar o valor histórico do relato pessoal de Robert Mohr e destacar o estranhamento cultural (*kulturelle Verfremdung*), mencionado por Schreiber. Para exemplificar este procedimento, pode-se apresentar a palavra » *Sippenstrafe* « (*Sippenhaft*) (p. 179). *Sippenstrafe* é o termo que designa a punição da família de um réu condenado, já a *Sippenhaft* é mais especificamente a detenção preventiva dos parentes. Trata-se de uma medida governamental e jurídica da Alemanha nazista para estender a punição a um opositor do regime a sua família. Com isso, buscava-se intimidar manifestações contrárias ao governo vigente utilizando a condenação dos transgressores como exemplo ao restante da população. Vista a especificidade da medida arbitrária – que causa o espanto até do próprio oficial Mohr – é compreensível que se mantenha a palavra em seu original alemão e que se inclua uma explicação para seu significado. No próprio corpo do texto da tradução, inseriram-se os apostos: “a punição da família de um réu condenado” e “a detenção preventiva dos parentes”. As inserções foram seguidas do esclarecimento mais detalhado concedido pelo próprio Robert Mohr. Uma outra alternativa, seria incluir uma nota de rodapé que trouxesse a tradução das palavras que integram o termo formado por composição *Sippenstrafe*: *Sippe* [clã, bando, parentela] e *Strafe* [pena], tornando a significação ainda mais evidente. No entanto, a inserção da nota poderia prejudicar a fluência de leitura por um elemento que pôde ser explicitado no corpo do texto de maneira clara.

Outros referentes culturais puderam ser traduzidos para o português, porém há a necessidade da inclusão de notas ou de explicações e apostos no texto. Por exemplo, cita-se o termo *blaue Polizei* (p. 178) [polícia azul]. A tradução permite a compreensão da expressão, ainda que não forneça um esclarecimento sobre o que seria a polícia azul no período nacional-socialista. Desta forma, é possível traduzir *blaue Polizei* diretamente por “polícia azul”, porém a cor do uniforme desta divisão policial não é uma informação suficiente, para que o leitor brasileiro a diferencie entre as demais divisões policiais e militares do período nacional-socialista. Por isso, optou-se por inserir a explicação no corpo do texto: “corpo de polícia auxiliar”.

Por fim, mencionam-se os casos em que a opção foi manter a palavra alemã sem tradução, nota ou aposto explicativo de seu significado. É o caso do fragmento: (...) *viele Briefmarken zu 8 Pfennig gekauft wurden*. (p. 172), cuja alternativa de tradução destacada é “muitos selos de 8 *Pfennig* foram comprados”. Para tanto, parte-se do princípio de que a moeda é uma referência cultural bastante conhecida internacionalmente e que auxilia a ambientar o leitor da cultura de chegada no universo da cultura de partida por meio de um elemento familiar. O próprio contexto da frase pode levar à dedução do significado de *Pfennig*, pois se tem presente a construção verbal “foram comprados”.

Os exemplos destacados são pequenas amostras da importância do papel do conhecimento da cultura de partida e de chegada para a compreensão do original e para a intermediação destas diferenças na tradução. Naturalmente, esta intermediação faz com que o tradutor se depare com problemas, cuja identificação é parte fundamental da fase de preparação e ponto de partida para o desenvolvimento de soluções criativas.

6.3 Identificação de problemas

Para a tradução do relato é preciso acercar-se de conhecimentos sobre uma época passada, uma cultura diferente e sob um regime sem equivalentes proporcionais no Brasil e de como estes fatores se refletem e emergem na estrutura e na significação textual. No presente capítulo, serão apresentados alguns exemplos coletados durante a fase de preparação da tradução do relato pessoal de Robert Mohr que ilustram este processo. A identificação de problemas ajuda a nortear o trabalho de tradução e a escolher quais as estratégias mais pertinentes para a busca por soluções. Ter consciência dos pontos problemáticos na compreensão de um texto é o primeiro passo para o desenvolvimento do processo criativo. Esta necessidade é considerada, pois – segundo Kußmaul – a criatividade é fruto da insatisfação e do intuito de solucionar problemas.

Durante a tradução do relato, foram destacadas diversas instituições, procedimentos e hierarquias típicos da organização do sistema nacional-socialista, sem que houvesse equivalentes precisos em outros idiomas, graças a sua especificidade cultural – constituindo marcadores culturais. Alguns exemplos foram analisados no

capítulo anterior, porém agora se descreverá mais detalhadamente o processo de identificação, análise, hipóteses e propostas para a tradução destes termos. No relato, destacam-se diferentes cargos da organização policial e jurídica do III Reich:

Robert Mohr, Kriminalobersekretär bei der Gestapo München (p. 171)

Robert Mohr, *Kriminalobersekretär*, investigador da Gestapo de Munique

(...) erhielt ich (...)die telef. Aufforderung, sofort zum Chef – Oberregierungsrat Schäfer – zu kommen. (p.171)

(...) recebi um telefonema com a ordem de ir falar imediatamente com o chefe – o *Oberregierungsrat Schäfer*.

der Reichsstudentenführer Scheel (p. 174)

o *Reichsstudentenführer Scheel*, líder estudantil do Reich

Oberreichsanwalt (p. 176)

o *Oberreichsanwalt*, promotor de justiça do Reich

O primeiro problema de compreensão e intermediação cultural detectado na tradução foi o termo *Kriminalobersekretär*, que designa o cargo de Robert Mohr em relação à hierarquia da Gestapo. O caráter de exceção desta divisão policial faz com que não se encontre uma tradução equivalente ou adequada no português no que diz respeito ao nosso sistema de organização policial e militar. Mesmo na hierarquia policial alemã contemporânea, não foram encontradas correlações com o sistema hierárquico da polícia secreta nacional-socialista, a Gestapo. Identificado este problema, consultou-se a hierarquia vigente no período nazista e obteve-se o seguinte resultado, do menor para o maior cargo:

Kriminalassistent
Kriminaloberassistent
Kriminalsekretär
Kriminalobersekretär
Kriminalinspektor
Kriminalkommissar
Regierungs- und
Kriminalrat
Oberregierungs- und
Kriminalrat
Regierungs- und
Kriminaldirektor
Kriminaldirigent
Reichskriminaldirektor

(<http://www.holocaustresearchproject.org/euthan/policeranking.htm>. Consulta em 15/02/2011)

A lista apresentada possibilita que se observe o cargo de Robert Mohr em relação aos demais cargos de oficiais nazistas na Gestapo. Consta-se que a posição em questão é intermediária – o que já constitui uma informação a mais para a elaboração de alternativas de tradução. Em seguida, voltou-se a atenção ao relato, para que se fizesse um levantamento sobre as funções de Mohr que foram explicitadas no corpo do texto. Com o processo de *botton-up*, destacaram-se as tarefas de realização de interrogatórios e participação na equipe de preparação dos autos do processo dos irmãos Scholl. A análise destes dados permitiu a elaboração da hipótese de que as tarefas realizadas pelo oficial poderiam ajudar a encontrar alguma correspondência, ainda que não totalmente exata, entre o referente alemão e a hierarquia policial brasileira. No Brasil, a realização de interrogatórios para uma investigação geralmente cabe ao investigador de polícia. Vistas estas informações, elaborou-se a sugestão de tradução: “*Kriminalobersekretär*, investigador da Gestapo de Munique”. A solução proposta preserva o termo alemão, pois não foi identificado um correspondente exato que substituísse satisfatoriamente o original. No entanto – para fornecer maiores informações sobre o autor do relato pessoal, cuja narração será iniciada ao leitor brasileiro – optou-se por incluir um aposto, que, de maneira mais generalista, fornece indícios sobre as atribuições de Robert Mohr na Gestapo: “investigador da Gestapo de Munique”.

No segundo exemplo partilhado no início do capítulo, nota-se mais um cargo da hierarquia da Gestapo: *Oberregierungsrat*. Novamente, o tradutor depara-se com o problema de traduzir o nome de uma profissão que constitui um marcador cultural do período nacional-socialista alemão. Para tanto, continua valendo-se do método descrito

por Kußmal para transpor a fase de preparação: identificar problemas, realizar a análise do texto e do contexto, elaborar hipóteses e propor soluções. Também neste caso, não foi encontrado um correspondente nem a descrição de atividades completa de um *Oberregierungsrat*. Ao se analisar a frase em que o termo está inserido, observa-se que Mohr se refere ao oficial em questão como chefe. De fato, ao se consultar a lista de hierarquia de oficiais da Gestapo, constata-se que entre Robert Mohr e o senhor Schäfer há quatro cargos de diferença. Já a análise do contexto de emprego da palavra e sua função para a compreensão do relato indicam serem desnecessárias maiores especificações sobre as funções do senhor Schäfer – salvo o fato de ser o superior de Mohr. Considerando-se essa hipótese, sugere-se que se mantenha somente o termo em alemão sem a inclusão de uma tentativa de tradução ou a inserção de uma explicação: “recebi um telefonema com a ordem de ir falar imediatamente com o chefe – o *Oberregierungsrat* Schäfer.

Em contrapartida, o mesmo problema de tradução de cargos específicos da organização do regime nacional-socialista pode demandar uma estratégia tradutória diversa das já apresentadas. É possível comprovar esta afirmação, por meio da análise do terceiro e quarto exemplos apresentados: *der Reichsstudentenführer Scheel* e *Oberreichsanwalt*. Ambas as funções possuem correlatos no idioma português: “líder estudantil” e “promotor de justiça”. No entanto, o tradutor observa que a arbitrariedade do sistema nazista faz com que, possivelmente, as competências e a maneira de atuação de um líder estudantil e de um promotor de justiça neste contexto sejam diversas da concepção do brasileiro sobre estes dois papéis sociais. Com base nesta hipótese e com o intuito de manter o estranhamento cultural pretendido pelo trabalho de tradução do relato, manteve-se também o termo do original. Porém, a tradução para o equivalente em português foi realizada e consta no texto traduzido como um aposto: o “*Reichsstudentenführer* Scheel, líder estudantil do Reich” e “o *Oberreichsanwalt*, promotor de justiça do Reich”.

Alguns problemas de compreensão e tradução não foram prontamente identificados na primeira realização da fase de preparação do trabalho tradutório do relato de Robert Mohr. Com isso, foram notadas incongruências em alguns pontos nas primeiras versões da tradução, o que resultou na necessidade de se retornar à etapa inicial do desenvolvimento do processo criativo de tradução. Este retorno à fase de preparação é previsto por Kußmaul e pode ser preciso diversas vezes durante a

elaboração de uma tradução. Os problemas de compreensão podem ser de dois tipos: em relação à compreensão de elementos culturais e em relação à compreensão de elementos linguísticos. Como exemplo do primeiro tipo de problema, cita-se o fragmento:

„Das Auftauchen dieser verhältnismäßig großen Zahl von Flugblättern in der »Hauptstadt der Bewegung« (p.171)

O surgimento desse número relativamente elevado de panfletos na “capital do movimento”.

Na primeira versão da tradução para o termo *Hauptstadt der Bewegung*, optou-se pela tradução da expressão por simplesmente “capital do movimento”. Neste primeiro momento, considerou-se “capital do movimento” como uma palavra que se referia à Munique como a capital na qual houve o surgimento do grupo Rosa Branca. Porém, na leitura de avaliação da primeira versão de tradução, surgiu um estranhamento em relação ao destaque dado à expressão no texto original, no qual o termo aparece isolado entre « ». Esse estranhamento motivou pesquisas sobre a expressão em questão. Esta estratégia de *top-down* com a busca de informações sobre o contexto de uso revelou o equívoco em relação ao entendimento. No caso, *Hauptstadt der Bewegung* refere-se não ao grupo Rosa Branca como movimento de resistência, mas sim ao movimento nacional-socialista. Tal esclarecimento pode ser encontrado na LTI, de Klemperer:

“Movimento é de tal forma a essência do nazismo que ele se denomina die Bewegung [o movimento]. Munique sua cidade natal, passou a ser chamada die Hauptstadt der Bewegung [a capital do movimento].” (KLEMPERER 2010:343)

A identificação deste problema de compreensão cultural e sua resolução por meio do processo de elaboração de hipóteses e pesquisa ilustram adequadamente os procedimentos característicos da fase de preparação. O próximo passo se trata da elaboração de alternativas de tradução que possam tornar a expressão clara para o leitor

brasileiro, partindo-se do princípio de que ele não conheça o valor da cidade de Munique nem para o regime nazista nem para o grupo de resistência Rosa Branca. Esse levantamento de possíveis soluções será desenvolvido no capítulo “Incubação e Iluminação”.

Os problemas de compreensão envolvidos no processo tradutório também podem estar relacionados à compreensão exata da própria língua de partida. Por vezes, o tradutor não consegue apreender todas as nuances semânticas de um termo, encontra dificuldades em articular as diferenças de organização sintática da língua de partida ou simplesmente equivoca-se por distração, no que diz respeito ao entendimento das estruturas gramaticais da língua de partida – principalmente, quando se trata de um tradutor iniciante.

Um exemplo de problema de compreensão de elementos lingüísticos do original na tradução do relato pessoal de Robert Mohr pode ser notado em:

Auch mit diesen Flugblätter wurde, ausgehend von der Tragödie von Stalingrad, mit drastischen Worten gegen die damals bestehende Regierungs- und Staatsform und seine Führung Stellung genommen. (p. 171)

Além disso, com esses panfletos provenientes a partir da tragédia de Estalingrado, o evento foi abordado com palavras drásticas contra a forma de governo e Estado então vigentes e seu posicionamento de liderança.

Nesses panfletos também foi manifestada, com palavras drásticas e a partir da tragédia de Estalingrado, a oposição contra a forma de governo e Estado então vigentes e seus líderes.

Registraram-se duas versões da tradução do mesmo trecho. Porém, a primeira tentativa de tradução não é adequada, ao apresentar um equívoco em relação ao entendimento da expressão *Stellung nehmen* [pronunciar-se, tomar uma posição, declarar]. Desta forma, houve a relação do termo *Stellung* [posição] a *Führung* [liderança], como se pode constatar na observação do segundo fragmento destacado, e não ao verbo *nehmen*. O resultado foi uma tradução, cujo conteúdo soa confuso e pouco

natural ao leitor – além de ser incorreto. Após a fase de avaliação com apoio de uma especialista, foi possível diagnosticar este tipo de problema e revisar o texto traduzido. Para tanto, foi necessário retornar à fase de preparação, pesquisar, analisar e refletir novamente sobre o trecho problemático até que esse processo pudesse conduzir à criação de novas alternativas de tradução – mais adequadas e conscientes. A sugestão mais atual constitui o terceiro trecho apresentado.

Logo, a identificação de problemas percorre todo o trabalho de tradução e se faz presente nas fases conscientes do processo tradutório: a preparação e a avaliação. A determinação exata das dificuldades e questões do texto de partida fornece indicativos sobre a melhor estratégia de tradução a ser aplicada para aquele caso e aumenta as chances de produção de um maior número de alternativas de tradução. Além disso, esse procedimento fomenta a obtenção de soluções mais adequadas, já que propicia a análise e reflexão constantes sobre o trabalho realizado.

6.4 Compreensão criativa

A compreensão textual pode, de fato, ser base para o desenvolvimento do processo criativo. Já na etapa de leitura e interpretação do original podem-se realizar inferências a partir das informações de texto e contexto. Estas inferências possibilitam-nos ampliar a compreensão de um texto, à medida que novas e mais completas associações são feitas entre seus elementos.

Um exemplo pode ser observado com a análise da frase: *Beide wurden mittels Kraftwagen zur Staatspolizei* (p. 173). No fragmento, destaca-se a palavra *Kraftwagen* [automóvel]. Ao avaliar o contexto de uso do termo na frase, nota-se que há a referência ao fato dos irmãos Scholl terem sido levados de carro até a central de Polícia de Estado. O transporte dos suspeitos pela autoria e distribuição dos panfletos certamente foi responsabilidade da própria polícia. Desta forma, a palavra *Kraftwagen* foi traduzida como “viatura”, por meio do procedimento de focalização: “Ambos permaneceram na viatura até a Polícia de Estado”. Com a ênfase na função e no uso pelo sistema policial do veículo – constatados no contexto – pode-se encontrar uma tradução mais específica para a palavra em questão.

A compreensão criativa se caracteriza por não se fixar no entendimento de um texto procurando traduzi-lo palavra por palavra, literalmente. Interpretar criativamente pode demandar o rompimento com a rigidez da compreensão literal ou com as expectativas em relação aos dados explícitos no original. A compreensão e intermediação das diferenças culturais e de fatores lingüísticos, como a busca pela idiomaticidade e as próprias convenções literárias ou gramaticais e estilísticas podem estimular o desenvolvimento da criatividade na interpretação textual. A combinação destes fatores no processo de compreensão criativa é notada nos fragmentos:

Ich konnte mich des Eindrucks nicht erwehren, daß sich Sophie Scholl wie eine Verräterin am eigenen Bruder vorgekommen wäre, wenn sie diesen »Strohalm« hätte ergreifen sollen. (p. 176)

Eu não pude deixar de suspeitar que Sophie Scholl teria se sentido como uma traidora do próprio irmão se tivesse que se agarrar a esta “tábua de salvação”.

(...) die zu jeder Zeit die Ruhe selber war. (p. 174)

(...) em todos os momentos, foi a tranquilidade em pessoa.

No primeiro trecho destacado, sublinha-se o termo »*Strohalm*«, que aparece enfatizado também no original. Esta marcação, que é até gráfica, evidencia o emprego de uma expressão idiomática por Robert Mohr. *Strohalm* significa literalmente “canudo”, porém tem seu significado original transformado ao se combinar com o verbo *greifen*, de acordo com o observado no dicionário monolíngüe *Langenscheidt: Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*, 2008: 1037: “(...) **nach dem rettenden S. greifen** e-e letzte kleine Chance nutzen, um vielleicht doch noch aus e-r unangenehmen Lage herauszukommen”. O significado da expressão é “ter uma pequena chance de se ver livre de uma situação desconfortável, negativa”.

Supostamente, o uso de um recurso estilístico metafórico pode indicar a ruptura – ao menos momentânea – com o tom de depoimento policial e demonstrar o envolvimento maior de sua subjetividade no relato. Esta interpretação é possível ao se notar um menor monitoramento do próprio autor em relação a sua expressão nos

momentos em que demonstra comoção por Sophie Scholl. Ao se refletir sobre a significação da expressão alemã, buscaram-se expressões e metáforas brasileiras que preservassem a mesma intenção comunicativa de Robert Mohr. A ideia de salvar a vida, expressa no contexto e na própria expressão, prontamente levou à associação com a metáfora brasileira “tábua de salvação”. Para a obtenção desta alternativa de tradução foi necessária a interpretação criativa tanto do elemento linguístico com a busca pela correspondência de sentido entre expressões de ambas as línguas – alemão e português – como também do elemento cultural, ao haver a preocupação de manter um uso metafórico e cujo significado e forma fossem conhecidos e usuais entre os leitores brasileiros. Com este objetivo, foi empregado o encadeamento de categorias. Dentre as perspectivas e características representativas do cenário geral sintetizado pelo conceito de última chance de se salvar, chegou-se a expressão “tábua de salvação” – a metáfora mais adequada à cena e mais familiar na perspectiva brasileira.

Outro caso digno de nota é o fragmento: (...) *die zu jeder Zeit die Ruhe selber war* (p.174). A compreensão criativa na tradução desta frase foi manifestada com a tentativa de produzir um enunciado em conformidade com a idiomaticidade na tradução e com a força expressiva pretendida pelo original. No relato, há a informação de que Sophie Scholl foi a própria tranquilidade, mesmo durante os penosos momentos de interrogatórios, prisão e condenação. Observando estes fatores, o tradutor poderia chegar à alternativa: “em todos os momentos, foi a tranquilidade em pessoa”, uma forma mais familiar e expressiva de comunicar um mesmo conceito – o de que Sophie Scholl manteve a calma em todas as etapas da investigação e punição. A procura por soluções como esta ativam o conhecimento de mundo e linguístico do tradutor e exige o exercício de sua sensibilidade linguística para tornar a leitura mais fluida na língua de chegada.

A própria percepção da noção da necessidade de promover transformações no original em prol da intermediação entre as duas culturas em questão no trabalho tradutório, constitui um exemplo de compreensão criativa. É possível visualizar este processo em:

Am folgenden Vormittag zwischen 10 und 11 Uhr erhielt ich in meinem Zimmer im Wittelsbacher Palais die telef. Anforderung, sofort zum Chef – Oberregierungsrat Schäfer – zu kommen. (p. 171)

Na manhã seguinte, entre as 10 e 11 horas, eu estava em meu gabinete no palácio de Wittelsbach de Munique, a central da Gestapo, quando recebi um telefonema com a ordem de ir falar imediatamente com o chefe – o *Oberregierungsrat Schäfer*.

No original, há a simples menção ao palácio Wittelsbach. Para um alemão, provavelmente o edifício será relacionado à função que representou durante o regime nazista em Munique, ser a central da Polícia Secreta de Estado – Gestapo. Porém, para o leitor brasileiro, esta é uma referência que passa despercebida. Seu significado não é parte integrante de nossa história e cultura, como é no caso do leitor alemão. Neste momento, a compreensão criativa é ativada, quando o tradutor tem consciência da necessidade desta intermediação, que se dá pela inserção do aposto: “a central da Gestapo” – caracterizando a ampliação da cena. As transformações e o próprio processo de compreensão criativa são baseados em leituras, pesquisas, conhecimentos de mundo, conhecimentos linguísticos e sensibilidade linguística.

Outro exemplo de criatividade na compreensão, devido à necessidade detectada de fornecer informações sobre a diferença cultural entre o público do original e o público da tradução pode ser observado em:

Bereits im Sommer 1942 kamen bei der Staatspolizei München im Vervielfältigungsverfahren hergestellte, mit Schreibmaschine geschriebene Flugblätter, mit der Überschrift »Die weiße Rose« in Einlauf. (p. 171)

Já no verão de 1942 chegaram às mãos da Polícia Secreta de Estado (Gestapo) de Munique panfletos, com o título “A Rosa Branca” na abertura, produzidos por meio de cópias de um original datilografado.

No trecho em destaque, incluiu-se o acrônimo de *Geheime Staatspolizei* – a polícia secreta de Hitler. A inclusão foi feita, pois talvez a associação entre Polícia Secreta de Estado e Gestapo como um mesmo órgão não fosse clara para todos os

leitores da tradução. A compreensão criativa também é graduável, de acordo com seu grau de inovação e de adequação. Por fim, será citado um exemplo em que a compreensão criativa teve por objetivo reduzir as repetições da palavra *Briefe* [cartas]. No texto alemão, as repetições de palavras não constituem um problema, como são consideradas e evitadas nos textos escritos em português. Desta forma, durante o próprio período de preparação, surgiram nas leituras alternativas que pudessem substituir a palavra em questão:

Die Briefe enthielten warme Dankesworte für empfangene Wohltaten und Liebe, neben dem Hinweis, daß man nicht anders habe handeln können. (p. 177)

Aquelas linhas continham calorosas palavras de agradecimento pelos gestos e pelo amor recebidos, junto com a observação que não poderiam ter agido de outra maneira.

Notou-se que neste trecho, há novamente a expressão da admiração de Robert Mohr pela postura dos irmãos Scholl. Por isso, a substituição da palavra “carta” por “aquelas linhas” foi harmoniosa com o tom do relato, tornando o trecho mais específico em relação às cartas escritas, ao descrever o tipo de palavra empregado. A substituição também tornou a tradução mais poética, com o emprego da metonímia – o que pode ser adequado, considerando-se o conteúdo da frase, de natureza emotiva.

O processo de compreensão criativo pode ampliar e tornar mais rápida a busca por soluções criativas, pois torna possível antever alternativas para problemas de compreensão e de intermediação detectados. No entanto, as questões surgidas durante a fase de preparação geralmente são mais bem assimiladas durante o processo de incubação, visando à fase de iluminação, na qual surge uma gama de opções.

6.5 Incubação e iluminação

As fases de incubação e de iluminação estão interligadas e correspondem ao processo inconsciente de trabalho. Levantadas as questões problemáticas na fase de

preparação, segue-se um distanciamento planejado da atividade de tradução. A incubação constitui uma digressão intencional, na qual o tradutor se dedica a atividades de sua preferência para “espairecer” e estimular novas associações, perspectivas e focalizações – ou seja – para fomentar novas ideias vencendo o bloqueio criativo. Exemplos destas digressões são a pausa para um café, uma caminhada, a prática de um esporte, uma conversa, ouvir sua canção predileta, ler outros materiais etc. A partir deste relaxamento, é possível ter uma nova leitura do texto e conseguir chegar à fase de iluminação, na qual se dá o *brainstorming* – o encontro de várias possibilidades de soluções para um mesmo problema pela fluência de pensamentos.

Para ilustrar este processo, dar-se-á sequência à discussão do exemplo apresentado no capítulo “Identificação de problemas”, no qual foi destacada a questão de compreensão do termo »*Hauptstadt der Bewegung*«:

„Das Auftauchen dieser verhältnismäßig großen Zahl von Flugblättern in der »*Hauptstadt der Bewegung*« hat selbstverständlich bis in die höchsten Stellen *Beunruhigung und Aufsehen* hervorgerufen. (p.171)

Além da primeira alternativa de tradução encontrada, “capital do movimento”, foram cogitadas outras possibilidades surgidas num fluxo de ideias e associações considerando o fato de Munique figurar como a cidade natal do movimento nacional-socialista. O resultado do *brainstorming* característico da fase de iluminação foi: a capital do nacional-socialismo, a capital nazista, a capital eleita por Hitler e capital do movimento nazista designada por Hitler. Observa-se que há poucas diferenças semânticas entre as duas primeiras opções encontradas pelo tradutor na fase de iluminação. A terceira se distingue pela seleção de um elemento na cena: a escolha de Munique como cidade representante do nacional-socialismo foi feita pelo próprio Hitler. Já a última alternativa apresentada caracteriza-se por reunir os elementos informativos de todas as demais, havendo a ampliação da cena.

A palavra *Aufsehen*, presente no mesmo fragmento também representou um problema inicial de tradução no contexto em que é empregada. Na fase de iluminação surgiu uma gama de possíveis soluções resultante da liberdade do fluxo de pensamentos: erguer os olhos, olhar para cima, ter admiração por alguém ou algo,

escândalo, chamar a atenção, arregalar os olhos e preocupação. Para tal variedade de acepções, permitiu-se considerar os diferentes traços semânticos do termo sem a preocupação de alcançar uma escolha definitiva durante esta etapa da tradução. O momento de reflexão sobre as opções e julgamento sobre a mais adequada cabe à fase de avaliação, que será descrita num próximo capítulo.

Em seguida, cita-se mais um exemplo da realização do processo de incubação e iluminação para a solução de um problema detectado na preparação da tradução:

Eine Wendung der Dinge trat erst ein, als bei einer Durschsuchung des Hans Scholl'schen Zimmers mehrere 100 Briefmarken zu 8 Pfg. – postfrisch – und der Entwurf eines handschriftlich abgefaßten Flugblattes, das, wie sich später herausstellte, von der Hand des Christoph Probst stammte, vorgefunden wurde.
(p. 174)

(...) O manuscrito foi escrito pelas mãos de Christoph Probst, como foi comprovado posteriormente.

(...) Mais tarde ficou comprovado que a letra era de Christoph Probst.

(...) Mais tarde ficou comprovado que o escrito foi redigido de próprio punho por Christoph Probst.

Os três fragmentos de tradução destacados correspondem a uma segmentação de um período bastante longo, como se pode comprovar com a leitura do original transcrito. Dividir o período em frases mais curtas foi uma decisão tomada para tornar a construção sintática do trecho mais organizada e compreensível para o leitor brasileiro. Será destacada a variedade de formas de organização sintática propostas, assim como as diferentes construções empregadas para apresentar Christoph Probst como o autor do rascunho do panfleto em questão.

A primeira versão traduzida procura manter a imagem das mãos presente no original. Inicia-se o período com a retomada de “manuscrito”, o elemento principal do conteúdo tratado no fragmento. A construção segue com uma voz passiva formada pelos verbos ir (pretérito perfeito) + escrever (particípio) e com o agente da passiva “pelas mãos de Christoph Probst. A segunda oração é composta por uma oração subordinada adverbial conformativa, assim como apresenta o original. O advérbio de tempo “posteriormente” foi inserido no final do período.

Já na segunda versão, o advérbio de tempo inicia o período, que se divide em: oração principal e oração subordinada substantiva objetiva direta. Desta vez, o elemento em destaque é “a letra”, pois se infere que a autoria pode ser comprovada por meio da análise da caligrafia.

A última versão transcrita possui estrutura sintática bem semelhante a da segunda versão, porém as diferenças se concentram na oração subordinada substantiva objetiva direta. O sujeito desta oração é “o escrito” e optou-se pela voz passiva: “ir” (pretérito perfeito) + “escrever” (particípio). Há a inserção do adjunto adverbial de modo “de próprio punho” e o agente da passiva “por Christoph Probst”. No adjunto adverbial, procurou-se manter a referência do original à parte do corpo, porém adotou-se uma expressão familiar ao leitor brasileiro.

Por fim, será apresentado um último exemplo em que foram diversas opções de construção sintática e de traduções para o trecho “*Flugblätter der bekannten Art*” no período de fluxo de pensamentos da etapa de iluminação:

Als ich wenig später in das Vorzimmer des Rektorates geführt wurde, waren auch hier auf einem kleinen Tisch Flugblätter der bekannten Art, allerdings mit der Überschrift »Kommilitoninnen - Kommilitonen«, die man eben im Lichthof eingesammelt hatte; angehäuft. (p. 173)

Pouco depois, quando fui conduzido à ante-sala da Reitoria, os panfletos com características já conhecidas estavam amontoados em uma mesinha. Entretanto, agora as folhas haviam sido recolhidas ainda há pouco no saguão e estavam dirigidas a »Colega universitária – colega universitário «.

Pouco depois, quando fui conduzido à ante-sala da Reitoria, os panfletos do tipo já conhecido estavam amontoados em uma mesinha. Entretanto, agora as folhas haviam sido recolhidas ainda há pouco no saguão e estavam dirigidas a »Colega universitária – colega universitário «.

Pouco depois, quando fui conduzido à ante-sala da Reitoria, os panfletos, que já me eram familiares, estavam amontoados sobre uma mesinha. Entretanto, agora as folhas haviam sido recolhidas ainda há pouco no saguão e estavam dirigidas a »Colega universitária – colega universitário «.

Pouco depois, quando fui conduzido à ante-sala da Reitoria, os panfletos, que já me eram familiares, estavam amontoados sobre uma mesinha, mas essas folhas recolhidas há pouco no saguão estavam dirigidas a “Colega universitária – colega universitário”.

Quanto à construção e segmentação sintática, nota-se que nas três primeiras versões, há a divisão do período em dois menores. Nas alternativas 1 e 2 os períodos são compostos por: oração subordinada adverbial temporal + oração principal e oração coordenada sindética adversativa + oração independente. Na opção 3 tem-se uma estruturação semelhante: oração subordinada adverbial temporal + oração principal + oração subordinada adjetiva explicativa intercalada e oração coordenada sindética adversativa + oração independente. A última alternativa de tradução caracteriza-se pela não divisão do período longo, preservando as características do original sem prejuízos à fluidez de leitura e à compreensão do leitor brasileiro. O período único em questão constitui-se de: oração subordinada adverbial temporal + oração principal + oração subordinada adjetiva restritiva intercalada + oração coordenada sindética adversativa + oração subordinada adjetiva restritiva intercalada e reduzida de participio.

Quanto ao fragmento do período: *Flugblätter der bekannten Art*, apresentaram-se três diferentes possibilidades de tradução. A primeira, “os panfletos com características já conhecidas”, é mais analítica e descritiva. A segunda proposta é a mais próxima e literal em relação ao original: “os panfletos do tipo já conhecido”. Já na terceira e na quarta opções, tem-se a também a tradução: “panfletos que já me eram familiares”. Esta possibilidade de solução é que contém mais elementos novos comparada às demais, graças à interpretação do original e da tentativa de criar uma opção mais idiomática para a tradução em português.

6.6 Escolhas lexicais e redes associativas

No presente capítulo, discutir-se-á mais sobre as fases de iluminação e avaliação do processo criativo de tradução com foco nos critérios e no processo de escolha lexical empregados no trabalho tradutório do relato pessoal de Robert Mohr.

Segundo Ulrich, o léxico mental de um indivíduo funciona como uma rede multidimensional, em que todos os elementos se relacionam entre si de maneira dinâmica. Ao modelo de etapas para o desenvolvimento da tradução criativa, foi combinada a teoria de Ulrich a respeito das redes associativas que tecemos em nosso léxico mental para a escolha de um lexema em detrimento a outro. Para cada possível

solução em um trabalho tradutório, há uma gama de opções possíveis representadas por seus sinônimos ou por construções análogas:

(...) *es freudig darzubringen*. (p. 175) – para ser ofertado alegremente / para ser ofertado com contentamento / para ser ofertado com satisfação / para ser ofertado de bom grado

Com a observação deste exemplo, pode-se supor que a multiplicidade de resultados das redes associativas traçadas no léxico mental correspondam à fase de iluminação. Neste caso e no próximo exemplo, serão analisadas relações estabelecidas no plano paradigmático, no qual há a reflexão e a avaliação para a escolha de um lexema para designar um conceito em detrimento a outra alternativa de significado similar. A escolha e avaliação das opções dão-se por meio da observação exata do contexto em que o termo será inserido. Além disso, a seleção de um lexema pode ser conscientemente organizada pelo estudo de seus traços distintivos positivos ou negativos – semas – em relação às demais opções:

Hinterbliebenen (p. 177) – familiares dos falecidos / pessoas que lhes eram próximas / os seus entes queridos

Neste caso, há uma palavra em alemão que não possui um correspondente direto em português. Para obter-se a tradução, é necessário estabelecer estratégias de tradução e produzir associações a partir de seu significado prototípico: “família do falecido” e encontrar o mais adequado para o contexto.

Para que se cumpra a fase de avaliação das sugestões, serão empregados os seguintes semas: ênfase no falecimento [+ / -], membros da mesma família [+ / -], outras pessoas de convívio íntimo [+ / -].

Na primeira solução apresentada nota-se que é possível parafrasear o significado do termo em questão de maneira mais evidente. Assim, tem-se: *familiares dos falecidos* -

ênfase no falecimento [++], membros de uma mesma família [++], pessoas de convívio íntimo [-].

A segunda alternativa caracteriza-se pelos semas: ênfase no falecimento [+], membros de uma mesma família [+], pessoas de convívio íntimo [+]. Com base na análise de seus traços distintivos, pode-se afirmar que atende positivamente a todos os traços.

Por fim, a terceira opção elaborada aborda a questão da morte de maneira mais sutil, subentendida pelo contexto do relato. Porém, é mais abrangente quanto às pessoas em luto, não as relacionando por parentesco, mas sim pela afinidade e intimidade. Desta maneira, nota-se: ênfase no falecimento [-], membros de uma mesma família [+], pessoas de convívio íntimo [++]. Essa foi a alternativa escolhida para a tradução do relato pessoal de Robert Mohr, pois parece mais familiar e comum no discurso do leitor brasileiro. As duas opções anteriores soam muito explicativas e um tanto artificiais pela tentativa de paráfrase do termo alemão. Robert Mohr relata o momento em que os irmãos Scholl se desculpam pela dor que sua morte causaria nas pessoas que lhes eram queridas. Visto o contexto, é adequado que a informação sobre o falecimento, já compreensível ao leitor, fosse atenuada. Além de adequada, a alternativa se apresenta também como a mais criativa, por ser menos previsível em relação às demais.

Por meio da análise dos semas e das possibilidades de tradução selecionadas, pode-se perceber com nitidez como as etapas de iluminação e avaliação se combinam e se completam entre si e como abrangem o processo associativo da semântica lexical.

Com a análise do próximo fragmento, serão estudadas as relações associativas no plano sintagmático, no qual há a preocupação em coordenar os lexemas e obter sua compatibilidade no encadeamento de um enunciado. Neste plano, observa-se como a escolha lexical ocorre na combinação entre diferentes lexemas para formar um todo coerente e coeso:

Bereits im Sommer 1942 kamen bei der Staatspolizei München im Vervielfältigungsverfahren hergestellte, mit Schreibmaschine geschriebene Flugblätter, mit der Überschrift »Die weiße Rose« in Einlauf. (p. 171)

Já no verão de 1942 chegaram às mãos da Polícia Secreta de Estado (Gestapo) de Munique panfletos, com o título “A Rosa Branca” na abertura, produzidos por meio de cópias de um original datilografado.

No trecho em destaque, ao analisarmos o original e a tradução, constata-se primeiramente a alteração na organização sintática do período. Ao se traduzir o relato para o português, optou-se por tornar o sujeito e o verbo mais próximos (“chegaram (...) panfletos”). A informação “com o título ‘A Rosa Branca’ na abertura” constava no final do período no original alemão e foi deslocada na versão para o português com o objetivo de manter a proximidade com seu referente “panfletos”, figurando intercalada entre o sujeito e os demais elementos da oração. As alterações realizadas são obrigatórias para preservar a clareza e a coesão do texto para o leitor brasileiro.

No entanto, a atenção na leitura do fragmento será concentrada na inserção de “às mãos da Polícia”. O elemento destacado não consta no texto original, porém foi escolhido para integrar a tradução com o objetivo de relacionar de modo mais claro e concreto as demais estruturas sintáticas do longo período. Para tornar a oração mais sintética e coesa, traduziu-se *mit Schreibmaschine geschriebene* [escritos em máquina de escrever] por simplesmente “datilografados”. Esta alternativa se justifica tanto no plano sintagmático para beneficiar a coerência e coesão de um período longo; como também no plano paradigmático, pois é um sinônimo adequado e sintetiza melhor o significado da expressão original. Com isso, a escolha lexical na tradução pode ser beneficiada e melhor fundamentada, se ambos os planos forem considerados em sua análise.

6.7 Avaliação

A descrição dos critérios para a escolha lexical na tradução do último exemplo abordado no capítulo “Escolhas lexicais e redes associativas” já possibilita um primeiro contato com a fase de avaliação – última etapa do desenvolvimento do processo criativo de tradução. O fragmento *mit Schreibmaschine geschriebene* e a opção de tradução por “datilografados” foram analisados sob duas perspectivas. A avaliação retrospectiva-contrastiva centra-se na análise da palavra como unidade isolada comparada ao termo empregado no original e suas possíveis acepções. A escolha de “datilografados” em relação à possível construção mais literal “escritos em máquina de escrever” ilustra este tipo de avaliação. Já a análise prospectiva-funcional – como o próprio nome aponta – está centrada não só na análise de palavra por palavra, mas na função e nos aspectos

pragmáticos do texto. Este processo avaliativo fica claro ao se observar a construção da clareza da coesão e da coerência pela escolha do termo “datilografado” no fragmento citado e, ao notarmos a preocupação com a compreensão e envolvimento do leitor do texto traduzido. Como é possível inferir pela apresentação dos exemplos, ambas as perspectivas são complementares.

Enquanto que a fase de iluminação se caracteriza pela realização de experimentações sem limites rígidos, o processo criativo volta a ser consciente e controlado na fase de avaliação. Neste período de revisão de possíveis soluções, recomenda-se o distanciamento crítico para julgar cada uma das alternativas obtidas. Forstner recomenda até mesmo a consulta a um especialista em tradução, principalmente no caso de tradutores iniciantes – como foi o caso. É importante ressaltar, segundo Kußmaul, que a avaliação de opções para uma tradução não se dá pelo julgamento entre certo e errado. Não se considera uma possível solução como errada, mas como menos adequada e criativa. Para ilustrar os conceitos que caracterizam esta última etapa de trabalho, serão retomados os exemplos do capítulo “Incubação e iluminação”.

No primeiro exemplo mencionado, discute-se sobre a expressão *Hauptstadt der Bewegung*, referindo-se à Munique como capital do nazismo. Os resultados obtidos durante a fase de iluminação foram as alternativas: a capital do nacional-socialismo, a capital nazista, a capital eleita por Hitler e capital do movimento nazista designada por Hitler. No entanto, para a versão final da tradução optou-se pela última possibilidade de tradução. A escolha se justifica pela criatividade empregada, ao possibilitar a ampliação da cena com a inclusão das informações “nacional-socialista” e “designada por Hitler”. Além de trazer novos elementos, característicos do produto criativo, a possível solução é também adequada. Do ponto de vista prospectivo-funcional, pode-se considerar a tradução apropriada, já que as alterações visam tornar o texto e seus referentes, implícitos no contexto, apreensíveis pelo leitor brasileiro. A tradução também cumpre com o intuito de preservação do valor histórico do relato de Robert Mohr. Em contrapartida, a expressão escolhida, “capital do movimento nazista designada por Hitler”, também é adequada na perspectiva retrospectiva - contrastiva, pois a possível solução apresentada conserva a significação do termo original na íntegra, porém tem seu significado ampliado.

No que diz respeito ao termo *Aufsehen* destacaram-se possíveis soluções: erguer os olhos, olhar para cima, ter admiração por alguém ou algo, escândalo, chamar a atenção, arregalar os olhos e preocupação. Neste caso, a versão final da tradução contém o termo “preocupação”. A escolha pode se mostrar um tanto menos inovadora que as demais opções citadas, porém caracteriza melhor o processo criativo de tradução graças ao fato de ser apropriada, segundo o princípio aproximativo: a busca de equilíbrio entre inovação e adequação. Do ponto de vista retrospectivo-contrastivo, constitui o termo mais semanticamente aproximado do original. Da mesma forma, é uma escolha adequada do ponto de vista prospectivo-funcional, já que a acepção em questão é mais apropriada que as demais ao contexto e ao estilo do autor – mais sóbrio e formal, sobretudo nos momentos em que narra os fatos sem envolver-se emocionalmente, como num próprio depoimento policial.

Para a tradução do fragmento: (...) *das, wie sich später herausstellte, von der Hand des Christoph Probst stammte, vorgefunden wurde.* (p. 174) foi selecionada a terceira opção apresentada: “Mais tarde ficou comprovado que o escrito foi redigido de próprio punho por Christoph Probst.” A escolha realizada no período de avaliação se revelou criativa e adequada. O primeiro ponto considerado é a alteração sintática com a segmentação do período original em outros menores e mais claros para o leitor brasileiro. A comparação com o original indica que a mudança feita é apropriada assim como a reorganização das ideias do texto e o cuidado de tornar o texto mais fluido e semelhante às construções sintáticas do português brasileiro. Outro elemento a ser destacado é o adjunto adverbial de modo “de punho próprio”. A expressão pode ser concebida como uma alternativa criativa e adequada, pois mantém a imagem de parte do corpo humano contida no original *von der Hand* [da mão]. No entanto, empregou-se uma expressão usual no cotidiano brasileiro o que torna o texto traduzido mais idiomático sem perder seu sentido original. Portanto, novamente pode-se considerar a solução aceitável segundo as perspectivas: retrospectiva-comparativa e prospectiva-funcional.

Por fim, a análise do procedimento de avaliação de possíveis soluções tradutórias será encerrada com a discussão sobre o fragmento:

Als ich wenig später in das Vorzimmer des Rektorates geführt wurde, waren auch hier auf einem kleinen Tisch Flugblätter der bekannten Art, allerdings mit der Überschrift »Kommilitoninnen - Kommilitonen«, die man eben im Lichthof eingesammelt hatte; angehäuft. (p. 173)

Pouco depois, quando fui conduzido à ante-sala da Reitoria, os panfletos, que já me eram familiares, estavam amontoados sobre uma mesinha, mas essas folhas recolhidas há pouco no saguão estavam dirigidas a “Colega universitária – colega universitário”.

Também neste caso foi escolhida a última versão como definitiva. A última alternativa de tradução caracteriza-se pela não divisão do período longo, preservando as características do original sem prejuízos à fluidez de leitura e à compreensão do leitor brasileiro. Assim, é adequada tanto em comparação ao original, já que não há perdas semânticas; como também em relação à organização do texto como um todo, ao contexto de produção e à função e público a que se dirige. Em seguida, ressalta-se o trecho “panfletos que já me eram familiares”. Esta possibilidade de solução é a que contém mais elementos novos comparada às demais, graças à interpretação do original e da tentativa de criar uma opção mais idiomática para a tradução em português – portanto, a mais criativa.

Por meio dos fragmentos analisados, pode-se perceber os critérios envolvidos na fase de avaliação: equilíbrio entre inovação e adequação quanto ao contexto, à correção ortográfica e às normas gramaticais da língua de partida e chegada, à função da tradução, às expectativas do público a que se dirige o trabalho e aos especialistas no tema. Ainda que não haja uma única solução possível para uma tradução, pode-se optar por soluções mais adequadas e justificáveis por meio da avaliação consciente. Esta consciência sobre todo o processo criativo exposto e analisado durante o desenvolvimento do trabalho de tradução permite a articulação harmoniosa de todas as demais fases do trabalho. Além disso, ajuda a determinar em quais pontos deve haver um retorno à fase de preparação, ou de incubação, ou de iluminação ou mesmo a uma nova avaliação.

7 Conclusão

A investigação sobre o processo de desenvolvimento consciente da criatividade na atividade do tradutor é um segmento de estudo importante e recente para a tradutologia. A realização do presente trabalho torna possível descrever e demonstrar a aprendizagem e aplicação da criatividade de modo consciente e disciplinado, como se pode constatar nos capítulos em que cada etapa do modelo de quatro fases (Preiser 1976:42ff) e Ullman (1968:22ff) é descrita e exemplificada. Deste modo, a criatividade pode ser compreendida como um recurso intrínseco e presente em maior ou menor grau na função do tradutor.

O relato pessoal de Robert Mohr é um texto muito significativo. Esse testemunho tem seu valor histórico pela documentação sobre o período nacional-socialista alemão com a descrição de alguns de seus procedimentos únicos e arbitrários. Em contrapartida, seu valor também se faz notar pela habilidade de comover pela tensão demonstrada pelo autor, partidário e elemento ativo do regime nazista, mas que se afeiçoa e até tenta salvar uma opositora de sua ideologia da condenação à morte. A simpatia por Sophie e a comoção pelo destino dos irmãos Scholl é demonstrada de maneira sutil, sendo apreensível pela interpretação das entrelinhas do texto. Essa complexa subjetividade coexistente no texto com a objetividade e imparcialidade da narração dos fatos antecedentes à prisão dos irmãos constituem um desafio de compreensão e são requisitos essenciais para a tradução.

A necessidade de tornar a sutileza da manifestação subjetiva do autor perceptível ao leitor brasileiro, por si só já demonstra que o processo criativo de tradução também se aplica ao gênero relato pessoal. Além deste fator, o texto é permeado por referências às especificidades do regime nacional-socialista. Muitas destas marcas culturais podem passar despercebidas pelo leitor brasileiro ou não serem compreendidas. Assim, é preciso que o tradutor aja como intermediador dessas diferenças culturais. Na leitura do relato, deparamo-nos com cargos policiais, medidas judiciais, locais e instituições próprios e característicos do contexto do III Reich. Por outro lado, a estrutura sintática do alemão – caracterizada pelo emprego de períodos longos e várias orações intercaladas – também exige que se façam modificações nos elementos lingüísticos. A intermediação entre as diferenças lingüísticas não se limitam a transformações centradas

na unidade da palavra, mas são essenciais também para conferir coesão, coerência, idiomaticidade e fluidez de leitura ao texto traduzido. Assim, torna-se clara a importância de compreender os aspectos culturais e linguísticos do texto original.

Essa importância verificada também no exemplo concreto de tradução do relato pessoal de Robert Mohr demonstra que, de fato, há a relação proporcional entre o processo cognitivo de compreensão e o processo criativo de tradução. À medida que novas leituras, novas pesquisas e novas discussões sobre o texto e o tema foram feitas, maiores e mais precisas foram se tornando as possíveis soluções para a tradução. A análise compartilhada no corpo desta pesquisa assinala alguns exemplos em que problemas de compreensão por parte do próprio tradutor foram detectados. No entanto, com a aplicação do modelo de quatro fases: preparação, incubação, iluminação e avaliação foi possível organizar as questões a serem solucionadas na tradução. Com maior clareza e consciência sobre cada etapa relacionada ao processo, pode-se tornar o trabalho mais dinâmico e repetir cada etapa sempre que se mostrou necessário. Desta forma, confirmou-se a hipótese anunciada no início da pesquisa: quanto mais o tradutor desenvolve meios de interpretar o original – inclusive suas marcas culturais – podem-se ampliar as possibilidades de tradução na língua de chegada.

As marcas culturais do relato foram determinantes para a percepção do papel essencial da fase de preparação, na qual se aplicam os procedimentos de compreensão textual. A percepção dessa característica do relato de Mohr auxiliou no desenvolvimento de estratégias para a intermediação entre o texto alemão de 1951 e o leitor brasileiro contemporâneo. Para o trabalho optou-se por manter o estranhamento cultural, a fim de manter o valor histórico e a função de divulgar este episódio pouco conhecido em nosso país. Ao haver a escolha deste fio-condutor para o trabalho, foi necessário refletir sobre os procedimentos precisos para provocar este estranhamento sem subestimar o leitor brasileiro – desde manter determinada palavra em alemão e acrescentar um aposto até simplesmente omitir alguns elementos presentes no original, como foi abordado no capítulo “Identificação de problemas”.

Constatou-se também que as fases conscientes, representadas pela preparação e pela avaliação, são base fundamental para o desenvolvimento e fundamentação de soluções criativas, tornando possível compreender a criatividade como recurso tradutório a ser estimulado e não somente como um dom para poucos. Também é válido enfatizar que criatividade não se resume à inovação, mas exige também o equilíbrio com a adequação ao contexto em que a solução em questão estará inserida. A atenção às

fases de preparação e avaliação possibilita meios de justificar uma solução considerada transgressora para as expectativas de especialistas, da crítica e do próprio público.

No decorrer da realização da tradução e da pesquisa, buscou-se salientar os dois planos nos quais a criatividade se manifesta no trabalho tradutório. Na macroestrutura do texto, o processo criativo se revela nas transformações exigidas pelas diferenças de sistema lingüístico e cultural sem perder a essência significativa do original do relato. Para a macroestrutura, foram considerados os elementos de intermediação cultural e linguística, além dos recursos de coesão, coerência e fluidez de leitura com a preocupação de obter um texto uno, compreensível e sutil como o original. Por outro lado, a microestrutura textual também foi descrita detalhadamente através da demonstração com os exemplos concretos, por meio da discussão sobre a escolha de um termo entre diferentes nuances significativas. A escolha lexical e a gama de significados obtida durante a fase de iluminação foram evidenciadas na análise do processo tradutório, ao haver a associação das fases de iluminação e avaliação com a descrição do funcionamento das redes semânticas associativas estudadas por Ulrich.

Por fim, constata-se que a criatividade pode ser desenvolvida também na tradução do relato pessoal selecionado, além de ser aplicável aos mais diversos gêneros textuais. Desta maneira, é interessante a produção contínua de estudos tradutológicos focados na relação entre processo criativo e processo tradutório. A compreensão textual como requisito para o desenvolvimento do processo criativo torna a habilidade da criatividade apreensível e palpável no trabalho do tradutor, que pode criar cada vez mais soluções interessantes e inovadoras ao ter maior domínio sobre os mecanismos cognitivos envolvidos em sua interação com texto e contexto.

8 Referências bibliográficas

FORSTNER, M. Bemerkungen zu Kreativität und Expertise. **Lebende Sprachen**, Germersheim, n.3, p.98-104, 2005.

KLEMPERER, Victor. **LTI. A Linguagem do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KOLLER, Werner. Zur kultur-, literatur- und sprachgeschichtlichen Bedeutung von Übersetzungen und Übersetzungstheorien (am Beispiel des Deutschen) und Möglichkeiten der Überwindung von Sprachbarrieren. In: KOLLER, Werner. **Einführung in die Übersetzungswissenschaft**, 7ª ed., Heidelberg: Verlag Quelle & Meyer, 2004, p. 58-61 e 69-75.

KUSSMAUL, P. Types of Creative Translating. In: CHESTERMAN, A., SAN SALVADOR, N. G., GAMBIER, Y. (Org.) **Translation in Context: selected contributions from the Est Congress, Granada 1998**, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988. 39 v. p. 117-126.

_____. **Kreatives Übersetzen**, 2. Aufl., Tübingen: Stauffenburg – Verl., 2000.

SCHOLL, I. **Die Weiße Rose**. 9. Aufl., Frankfurt: Fischer Taschenbuch – Verl., 2001, p. 171-180.

SNELL-HORNBY, M. et al. (Hrsg.) **Handbuch Translation**, 2. verb. Aufl., Tübingen : Stauffenburg-Verl., 2005.

ULRICH, W. Zur lexikalischen Semantik des Deutschen. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, n.15, p. 163-189, 2010. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum>>.

9 Anexos

**Relato pessoal de Robert Mohr, contido na obra *Die Weisse Rose*, de Inge Scholl
p. 171 – 180 Tradução por Yasmin Cobaiachi Utida**

Robert Mohr, *Kriminalobersekretär*, investigador da Gestapo de Munique, responsável pelo interrogatório de Sophie Scholl e outros membros do círculo da Rosa Branca

Já no verão de 1942 chegaram às mãos da Polícia Secreta de Estado (Gestapo) de Munique panfletos, com o título “A Rosa Branca” na abertura, produzidos por meio de cópias de um original datilografado. As folhas compreendiam 2 laudas escritas à maquina e estavam claramente endereçadas a personalidades de prestígio da vida intelectual, como professores universitários, escritores e afins. [...]

As investigações acionadas sobre os panfletos e para a identificação dos autores não conduziram a resultado nenhum. Diferentes circunstâncias levavam a crer que os autores dos panfletos deveriam ser procurados em Munique, contudo faltavam, por ora, provas mais evidentes.

Uma nova situação só surgiu no final de janeiro ou início de fevereiro de 1943 no centro de Munique. Durante as horas mais avançadas da noite, cerca de 8000 a 10000 cópias de panfletos foram distribuídas, evidentemente por várias pessoas, na soleira de casas e quintais, pelas calçadas etc. Nesses panfletos também foi manifestada, com palavras drásticas e a partir da tragédia de Estalingrado, a oposição contra a forma de governo e Estado então vigentes e seus líderes. Foi dado como certo que a guerra já estava perdida a essa altura e por isso tudo deveria ser feito para abreviar ou para acabar com esse derramamento de sangue sem sentido.

O surgimento desse número relativamente elevado de panfletos na “capital do movimento nazista” designada por Hitler causou grande inquietação e preocupação nos escalões mais altos do governo.

[...]

Na manhã seguinte, entre as 10 e 11 horas, eu estava em meu gabinete no palácio de Wittelsbach de Munique, a central da Gestapo, quando recebi um telefonema com a

ordem de ir falar imediatamente com o chefe – o *Oberregierungsrat* Schäfer. Não sabia do que se tratava e quando cheguei no seu gabinete, encontrei-o em sua escrivaninha atrás de uma pilha dos panfletos já mencionados, que haviam sido recolhidos na cidade nesse ínterim.

Após ser brevemente informado sobre o caso, recebi a ordem de delegar todos os outros trabalhos ou deixá-los de lado, se não fossem urgentes, para poder me dedicar de imediato à busca dos autores desses panfletos com uma equipe de investigadores. Ao mesmo tempo, foi-me comunicado que essa ação de panfletagem causara extrema preocupação e que, portanto, as repartições mais altas do partido e do Estado estavam interessadas no mais rápido esclarecimento. Esse interesse compreensível ficou ainda mais evidente porque altas personalidades nos contatavam quase todos os dias para se informar sobre o andamento do inquérito.

Quase ao mesmo tempo, irrompeu um grande número de panfletos de conteúdo parecido ou até mesmo idêntico em Stuttgart, Augsburg, Viena e – creio eu – em Salzburgo e Insbrueque, razão pela qual inicialmente foi difícil determinar em qual desses lugares os responsáveis pela sua produção e divulgação deveriam ser procurados.

Havia grande probabilidade que Munique fosse o ponto de partida, pois aqui fora distribuído o maior número de panfletos, enquanto que nos outros locais a difusão se dera por correio.

Com relativa rapidez pôde ser comprovado que os envelopes usados para o envio dos panfletos apreendidos provinham de uma fábrica de sobrescritos de Munique e também era quase certeza que o papel poroso utilizado para as reproduções também fora comprado na mesma cidade. A isso se acrescenta que uma quantidade muito grande de selos de 8 *Pfennig* haviam sido comprados por uma mesma pessoa na agência de correio 23 (na rua *Ludwigstraße*). O atendente do guichê em questão logrou até fazer uma descrição deste cliente. Além disso, o conteúdo dos panfletos levou a crer que seu autor ou seus autores tinham uma formação acadêmica. Foi constatado ainda que os endereços para o envio dos panfletos apreendidos em Munique e arredores haviam sido extraídos de um índice de estudantes da universidade.

Em meio a esta atividade de investigação, na manhã de 18.2.1943 aproximadamente às 11 horas, recebemos um telefonema da universidade informando que, pouco antes, um

grande número de panfletos fora lançado do alto da balaustrada do saguão e que duas pessoas haviam sido detidas – provavelmente os responsáveis pela distribuição dos impressos em questão.

Pouco depois, quando fui conduzido à ante-sala da Reitoria, os panfletos, que já me eram familiares, estavam amontoados sobre uma mesinha, mas essas folhas recolhidas há pouco no saguão estavam dirigidas a “Colega universitária – colega universitário”. Na mesma sala, encontravam-se uma jovem senhorita e um jovem cavalheiro, que me foram apresentados como os prováveis responsáveis pela distribuição dos panfletos. Um funcionário da universidade (Schmitt) afirmava ter visto ambos nas proximidades do lugar do qual as cópias haviam sido lançadas. Ambos, sobretudo a senhorita, transmitiam uma impressão de absoluta tranquilidade. E, por fim, comprovaram sua identidade como os irmãos Sophie e Hans Scholl apresentando suas carteiras de estudante.

Ambos foram levados de viatura até a delegacia da Gestapo e foram interrogados no decorrer da tarde. Depois de verificada a necessidade, também foram interrogados separadamente à noite até muito tarde. O interrogatório de Sophie Scholl coube a mim, enquanto Hans Scholl foi encaminhado a um tal *Kriminalsekretär* Mahler (de Augsburg).

Primeiramente Sophie Scholl me assegurou de modo absolutamente convincente (o que era compreensível naquela situação) não ter nenhum tipo de envolvimento com a história da panfletagem. Na noite anterior, ela teria marcado para o 18.2.1943 um almoço com uma amiga, que também era uma estudante universitária (natural do norte da Alemanha, se não me engano de Hamburgo, e que naquela época tinha por volta de 20 anos, depois foi co-ré e, pelo que eu saiba, condenada a seis meses de prisão). Mas depois esse plano teria mudado, pois segundo ela (Sophie), combinara com seu irmão Hans de irem juntos à casa dos pais em Ulm para buscar roupas limpas e para fazer uma breve visita. O único motivo de eles (Sophie e Hans) terem passado na universidade a caminho da estação era comunicar à amiga – que estava assistindo a uma aula – sobre a partida para Ulm. Assim também se explicava o fato de estarem carregando a mala vazia, que seria usada justamente para acomodar as roupas limpas. Sobre os panfletos em questão, Sophie Scholl declarou ainda que os tinha visto empilhados sobre a balaustrada do saguão ao andar pelo corredor no edifício da universidade. Ao passarem

ao lado dessas pilhas, seu irmão, provavelmente por não lhe ocorrer nada melhor naquele momento, teria empurrado os impressos para baixo com a mão.

Até aproximadamente esse momento – para mim, não havia razão nenhuma para questionar as declarações absolutamente plausíveis de Sophie Scholl – o *Reichsstudentenführer* Scheel, líder estudantil do Reich, veio até meu gabinete. Ele solicitou a permissão de conversar brevemente com Sophie Scholl. Provavelmente ela lhe contou a mesma versão dos fatos que a mim. Em todo o caso, parece que por conta da conversa, Scheel também chegara à conclusão que os irmãos Scholl nada tinham que ver com a ação de panfletagem. Caso contrário, ele não teria falado ao sair: “Não desonrem a comunidade estudantil alemã”. Naquele momento, dadas as informações colhidas, eu achava que Hans e Sophie Scholl provavelmente seriam liberados ainda no mesmo dia. Dei isso a entender mencionando a Sophie Scholl de passagem que ela provavelmente poderia partir com seu irmão para a viagem a Ulm ainda naquela noite.

[...]

Uma reviravolta dos acontecimentos só ocorreu quando durante uma revista no quarto de Hans Scholl foram encontrados mais de 100 selos de 8 *Pfennig* – todos novos – e o rascunho manuscrito de um panfleto. Mais tarde ficou comprovado que o escrito fora redigido de próprio punho por Christoph Probst. Isso me foi comunicado na noite de 18.2.1943 com a observação que, por consequência, Hans Scholl era o possível responsável pela autoria e divulgação dos panfletos.

Falando francamente, eu mesmo fiquei mais surpreendido com esta nova situação do que a minha acareada, a senhorita Scholl que, em todos os momentos, foi a tranquilidade em pessoa. O que se passou depois foi único nos meus 26 anos de carreira na polícia e na gendarmaria. Sophie não mediu esforços em tomar toda a culpa para si para, com isso, isentar ou até mesmo salvar seu irmão, quem amava muito, por sinal. Não tenho dúvidas de que se Sophie Scholl tivesse podido, teria sacrificado sua jovem e promissora vida duas vezes para poupar seu irmão do desfecho trágico. Por outro lado, Hans Scholl demonstrou exatamente a mesma disposição. Nem preciso salientar o quanto o amor fraterno, que veio à tona com esta disposição ao sacrifício, e a força de caráter impressionou fortemente não só a mim, como também a todos os demais envolvidos no caso.

Tanto Sophie como Hans Scholl estavam totalmente conscientes da gravidade da sua conduta e do desfecho em que poderia culminar. Mesmo assim, até o final mantiveram uma postura que só pode ser caracterizada como ímpar. Ambos foram uníssonos nas suas declarações, afirmando que seus atos tinham um único objetivo, que era evitar uma desventura ainda maior para a Alemanha, que tentavam contribuir para isso fazendo sua parte para salvar a vida de centenas de milhares de soldados e civis alemães. Segundo eles, quando a ventura ou desventura de um grande povo está em jogo, de fato nenhum meio ou sacrifício é grande demais para ser ofertado de bom grado. Até o fim, Sophie e também Hans Scholl estavam convencidos de que seu sacrifício não seria em vão.

Sobre os servidores atuantes no caso, tratavam-se, sem exceção, de criminalistas experientes e com plena consciência do dever. Frente a estas circunstâncias, é mais do que compreensível que as desafortunadas vítimas desta tragédia desfrutassem da completa simpatia e alta consideração, quando não mesmo da estima de todos os envolvidos. Por tal motivo, o tratamento concedido aos irmãos foi bom e indulgente. Considerando a grandeza de espírito característica dos interessados, cada um de nós gostaria muito de ter ajudado diretamente, se isso tivesse sido possível, em vez de nos limitarmos a pequenas gentilezas, como foi o caso. Naqueles dias, meu colega me disse o seguinte: “Em Hans Scholl vi uma inteligência que me era desconhecida nesta dimensão. Eu lamento não poder fazer nada por ele, dadas as circunstâncias.” Eu acredito até mesmo me recordar que ele (o colega) me falou confidencialmente dele como um *Volksführer*, um líder do povo, com um perfil de que talvez fôssemos necessitar no futuro. Por fim, acrescentou ainda que era terrível que tais pessoas teriam que morrer...

Quanto a Sophie Scholl, eu acreditava ter encontrado um caminho para, ao menos, salvar a vida dela. Convoquei-a para um interrogatório, creio que em 19.2.1943, unicamente com esta intenção. Tentei, com todos os argumentos possíveis, mover a senhorita Scholl a fazer uma declaração afirmando não compartilhar da ideologia de seu irmão. Muito pelo contrário: ela teria que depor que havia confiado cegamente no julgamento do seu irmão de estarem fazendo a coisa certa sem estar ciente da gravidade desta conduta. Sophie Scholl reconheceu imediatamente onde eu queria chegar, mas negou-se categoricamente a se deixar convencer a prestar tal depoimento ou outro semelhante. Talvez esta tivesse sido a única possibilidade de, ao menos, salvar a vida de Sophie Scholl – uma chance, como a senhorita Gebel diz em seu manuscrito. Eu não

pude deixar de suspeitar que Sophie Scholl teria se sentido como uma traidora do próprio irmão se tivesse que se agarrar a esta “tábua de salvação”. Considerando a postura característica de Sophie Scholl como um todo, compreendo perfeitamente essa sua decisão, mesmo tendo ficado bastante frustrado na época por não ter conseguido alcançar meu objetivo...

As instâncias superiores pressionavam para chegarmos ao encerramento das investigações o quanto antes porque uma condenação já estava prevista nos dias seguintes pelo *Volksgesichtshof* de Munique, o tribunal do povo nacional-socialista, como também de fato aconteceu. Já no domingo seguinte à prisão – se não me engano, o 20.2.1943* – o *Oberreichsanwalt*, o promotor de justiça do Reich, chegou a Munique no decorrer da tarde e os autos da investigação precisavam estar prontos naquele momento. Isso explica o fato de as pessoas envolvidas na investigação prévia – tanto réus como também criminalistas – mal pudessem descansar nesses dias. Tendo o conhecimento exato da situação, dei a Sophie Scholl a possibilidade de se despedir, por via das dúvidas, de seus parentes ao menos por meio de carta. Tomei essa precaução ainda antes da transferência para o *Gerichtsgefängnis*, o cárcere do tribunal, porque depois talvez não pudessem ser concedidos tempo ou oportunidade para tanto.

Breves cartas de despedida foram escritas por Sophie e Hans Scholl para os pais, para Inge Scholl e de Sophie para seu namorado ou noivo. Aquelas linhas continham calorosas palavras de agradecimento pelos gestos e pelo amor recebidos, junto com a observação que não poderiam ter agido de outra maneira. Expressaram em uma das cartas que aquilo que agora estava sendo condenado seria absolvido e justificado no futuro. Além disso, os escritos continham palavras de consolação e de desculpas pelo dor que estavam infligindo aos seus entes queridos. Por fim, foram o testemunho de uma fé profunda.

Em uma das cartas, presumivelmente de Sophie para Inge Scholl, foram mandadas lembranças a um tal professor Muth de Solln, ao sul de Munique. Por meio de Sophie Scholl fiquei sabendo que os irmãos Scholl faziam visitas casuais a este senhor e que o prezavam e respeitavam de modo especial.

* 21.2.1943

Precisei relatar o conteúdo das cartas de despedida ao Ministério de Segurança do Reich de Berlim. Recebi a ordem de arquivá-las, sem exceção alguma, nos autos. Além disso, foi-me terminantemente proibido entregá-las, porque senão poderiam ser empregadas com fins de propaganda. Esta ordem não foi bem recebida em Munique e demonstra por si só que o conteúdo das castas era coerente com a postura dos irmãos.

Eu e outros camaradas, entre os quais o senhor Mahler, fomos convocados a depor como testemunhas na audiência do *Volksgesichtshof*, agendada para o dia 22.2.1943 às 10 da manhã no Prédio da Justiça de Munique. Ao ser aberta a audiência, as testemunhas primeiramente tiveram que se retirar. Depois, a inquirição das testemunhas não foi considerada necessária porque, como era de se esperar, os réus eram totalmente confessos. A audiência foi conduzida com todo o rigor pelo juiz relator Freisler. O que mais me saltou aos olhos foi que os réus mal tiveram direito à palavra ou então ouviam comentários mordazes após alguma declaração que tivessem dado. No decorrer do julgamento, notei que um casal de idosos irrompeu na sala de audiência. Só depois fiquei sabendo que se tratava dos pais dos irmãos Scholl. Ainda me lembro que em suas palavras finais, Hans Scholl expôs que ele assumia plenamente a responsabilidade por seus atos. Ele também acrescentou que chegaria o dia em que aqueles que se intitulavam juízes estariam sentados no banco dos réus. Eu acho até mesmo que estas palavras finais foram ainda mais drásticas. Talvez tenham até sido: “Hoje, vocês nos mandam à forca, mas amanhã serão vocês” ou algo semelhante.

Eu não tive nenhuma participação na transferência dos réus para o cárcere do Tribunal e a sua apresentação durante a audiência ou então a sua reinternação no presídio de Stadelheim após o julgamento. Isso cabia ao pessoal do presídio e ao corpo de polícia auxiliar, a chamada “polícia azul”.

Na tarde após o julgamento – 22.2.1943 – mais ou menos entre as 14 e 15 horas, dirigi-me mais uma vez ao presídio de Stadelheim, onde me encontrei pela primeira vez com os pais dos irmãos Scholl. Quando eu andei em direção de Sophie Scholl pelo corredor do presídio, passei casualmente por Hans Scholl, que provavelmente estava sendo conduzido por um guarda da sala de visitas até sua cela. Apesar da vigilância, Hans Scholl veio correndo até mim, cumprimentou-me com um aperto de mão e palavras de agradecimento por ter tratado sua irmã tão bem. Ele dizia que havia acabado de pedir a seus pais que me transmitissem sua gratidão. Por isso, ele afirmou estar contente por

poder apresentar este agradecimento pessoalmente. Este gesto me comoveu de tal maneira que não consegui dizer uma única palavra. Acho que ainda consegui murmurar: “Também seja forte agora”.

Encontrei Sophie Scholl na cela das guardas femininas, para onde fora trazida após a visita de seus pais. Foi a primeira vez que a vi aos prantos desde nosso primeiro contato. Ela se desculpou pelas suas lágrimas e me explicou: “Eu acabei de me despedir de meus pais, o senhor entende”. Pode-se imaginar perfeitamente, conhecendo o contexto, como me senti neste momento.

Depois de algumas palavras de conforto, despedi-me de Sophie Scholl. A mim só resta repetir, que tanto esta moça quanto seu irmão mantiveram uma postura que só pode se explicar pela força de caráter, por um amor fraterno intenso e uma rara e profunda fé. Pelo que me recordo do interrogatório, Sophie e também Hans Scholl haviam se debruçado sobre a filosofia da religião paralelamente a seus estudos universitários. Tive a impressão que eles trilhavam um próprio caminho religioso. Seja como for, é um fato que possuíam uma fé profunda.

Acrescento ao meu relato anterior que, poucos dias após a condenação dos irmãos Scholl e de Christoph Probst, Berlim decretou a chamada *Sippenstrafe*, a punição da família de um réu condenado, no caso concreto uma *Sippenhaft*, a detenção preventiva dos parentes. Não havíamos sido informados sobre tal medida até então. Segundo esta determinação, os familiares mais próximos dos condenados deveriam ser detidos e depois enviados, independentemente de quem fossem, a um campo de concentração. Eu não exagero quando digo que todos nós ficamos profundamente chocados com esta medida arbitrária e sem nenhum respaldo jurídico. Em virtude desta determinação, o casal Scholl também foi detido em Ulm...

Então, dirigi-me ao presídio de Ulm, onde Robert Scholl me foi apresentado para interrogatório, durante o qual parti do princípio que o senhor Scholl pai não estava informado sobre as atividades dos filhos em Munique. Por isso, eu nem preciso falar sobre tal assunto. Tentei somente conseguir, como no caso de Sophie Scholl, uma declaração que terminasse com a afirmação de que Robert Scholl, em termos de postura ideológica ou convicção política, não poderia ter absolutamente nada que ver com o caso de alta traição. Meus esforços nesse sentido fracassaram, pois Robert Scholl conservou perante mim uma postura que honrou aquela mantida por seus dois filhos em

todos os sentidos. Se eu tivesse colocado no papel a opinião política e as perspectivas para o futuro que Scholl pai manifestou nua e cruamente, minha intenção teria se transformado no oposto daquilo que eu ensejava com a minha iniciativa. Robert Scholl também teria sido processado e condenado. Na melhor das hipóteses, ele teria que sofrer as conseqüências como prisioneiro de um campo de concentração. Eu lamentei não ter tido êxito nesta questão. Então tivemos que nos limitar à constatação que a investigação instaurada comprovara que tanto o casal Scholl quanto sua filha Inge não tinham absolutamente nada que ver com o caso de alta traição Scholl. Porém, isto por si só não foi suficiente para anular a prisão preventiva já decretada. ...

19.2.1951